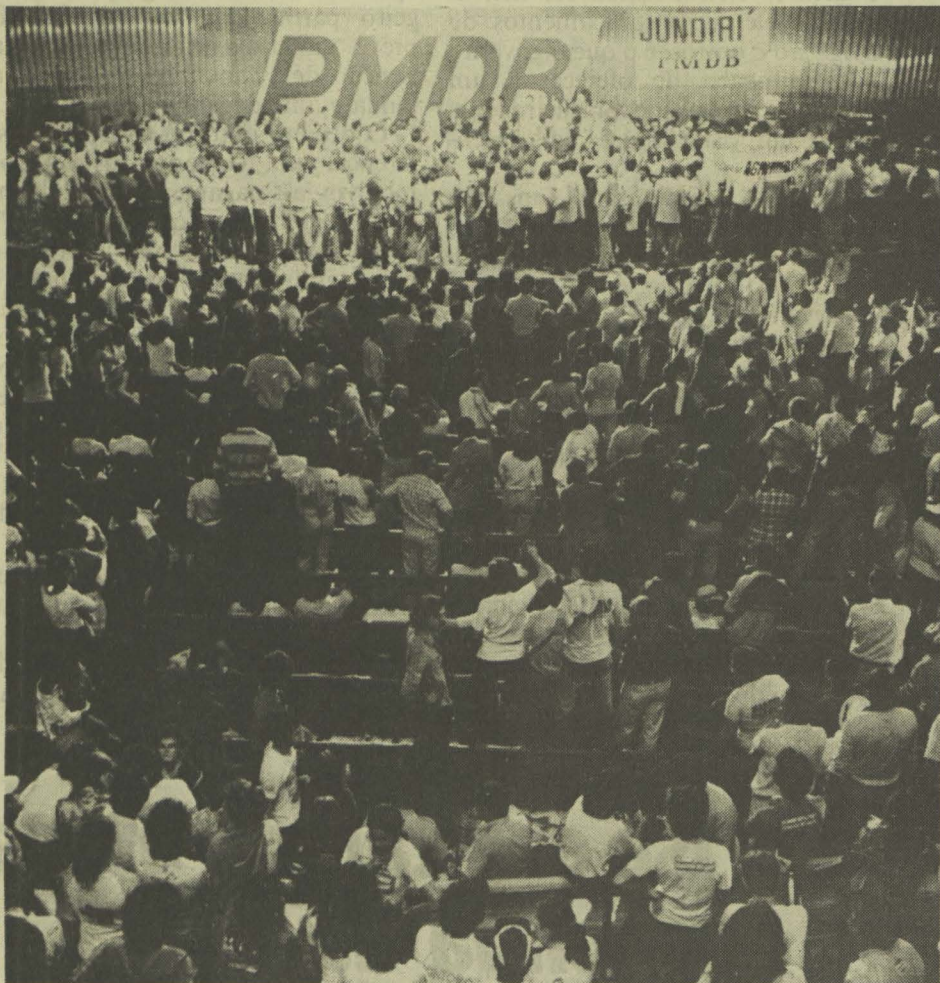


Tribuna da Luta Operária

ANO III — Nº 75 — 28 DE JUNHO A 4 DE JULHO DE 1982

Cr\$40,00



A "rebelião das bases" conquistou a chapa unitária Montoro-Quêrcia

Pressão popular une PMDB para vencer Maluf

Como foi a Convenção Estadual. Página 3

Polícia faz inquérito para impor a expulsão de Javier

O governo não respondeu ao novo encaminhamento para a naturalização do presidente da UNE. Como não pode legalmente negar o pedido, usa a Polícia Federal para acelerar sua expulsão. Em vez da

justiça, os generais usam a força bruta. Em defesa de Javier, os estudantes estão organizando shows em São Paulo e Minas, além de uma reunião nacional (Coneb) em julho, em Belo Horizonte. Pág. 5

EDITORIAL

Ecos da Convenção

As 30 mil pessoas presentes na convenção do PMDB em São Paulo demonstraram de forma eloquente que o povo está disposto a fazer política por conta própria. Com o vigor de sua atitude criaram uma situação nova para o PMDB, como principal partido legal de oposição, e para todas as outras correntes políticas.

A pressão de massas, firme e coesa, passou por cima de todos os interesses menores, de grupos e caciques que tinham a pretensão de manter o plenário como um simples "aprovador" das decisões tomadas nos gabinetes. O povo presente mostrou que o PMDB não pode ser o partido de tal ou qual grupo, que não pode ser usado por este ou aquele político que queira fazer carreira às custas do voto popular. Exigiu com toda energia que o PMDB seja verdadeiramente o instrumento unitário das forças oposicionistas para derrotar o PDS e o governo nas eleições.

O plenário pressionou para que Franco Montoro saísse como candidato a governador. Não por ter ilusões de que sua eleição vai significar o povo no poder como apregoam alguns. Mas por entender que no momento este é o nome mais acertado para unificar as mais amplas correntes democráticas para conquistar a vitória eleitoral. Com a mesma firmeza as forças populares exigirão do sr. Montoro compromissos públicos com suas reivindicações mais sentidas e com a luta pela democracia. E por isto mesmo, além do nome do senador, o plenário gritou com toda força as palavras de ordem de unidade e de Constituinte livre e soberana.

O mesmo plenário que derrotou o desejo do sr. Orestes Quêrcia de sair candidato a governador — porque viu que seu nome não seria capaz de unir e não teria força para vencer o PDS — forçou a Executiva do partido a aceitar Quêrcia como vice-governador. O povo não estava

interessado em disputas de grupo, não estava ali para apoiar Montoro contra Quêrcia ou vice-versa. O povo exigiu a união de Montoro, Quêrcia, Severo Gomes, Almino Afonso, Hélio Navarro, de todos os candidatos, para abrir caminho nas urnas a uma nova correlação de forças políticas no país.

Houve quem tentasse desmoralizar a legítima pressão popular dizendo que isto era uma trama maquiavélica montada há muito pelos comunistas, que tinha havido uma manipulação do plenário por grupos radicais. São opiniões equivocadas de quem ainda não viu que o povo sabe pensar. É evidente que em toda manifestação de massas existe uma parcela mais avançada que sabe concretizar o sentimento geral numa palavra-de-ordem precisa para aquele momento. Esta vanguarda atua como uma fagulha na lenha seca.

Naquele plenário ansioso por cerrar fileiras contra o regime militar, o primeiro grito de "unidade Montoro-Quêrcia para vencer o PDS" teve eco imediato entre os 30 mil participantes. Cumprido o papel-chave de catalizador da vontade popular, transformando-a em ação consciente. Se, pelo contrário, algum grupo organizado levasse mil ou mais de seus adeptos para gritar em favor da divisão, seria esmagado pelo protesto geral. A Executiva do PMDB agiu acertadamente quando soube recuar de sua ideia inicial e não tentou usar a máquina do partido para impor uma solução contrária à vontade unânime do plenário.

Este vigor das massas precisa ser saudado e incentivado — nas convenções, nos partidos, nas fábricas, nos bairros, nas escolas, nas fazendas, nos povoados. O povo ao fazer política aumenta sua consciência e reforça sua organização. Cria condições para ocupar o lugar que lhe cabe na luta pela liberdade em nosso país e fazer valer suas ideias.

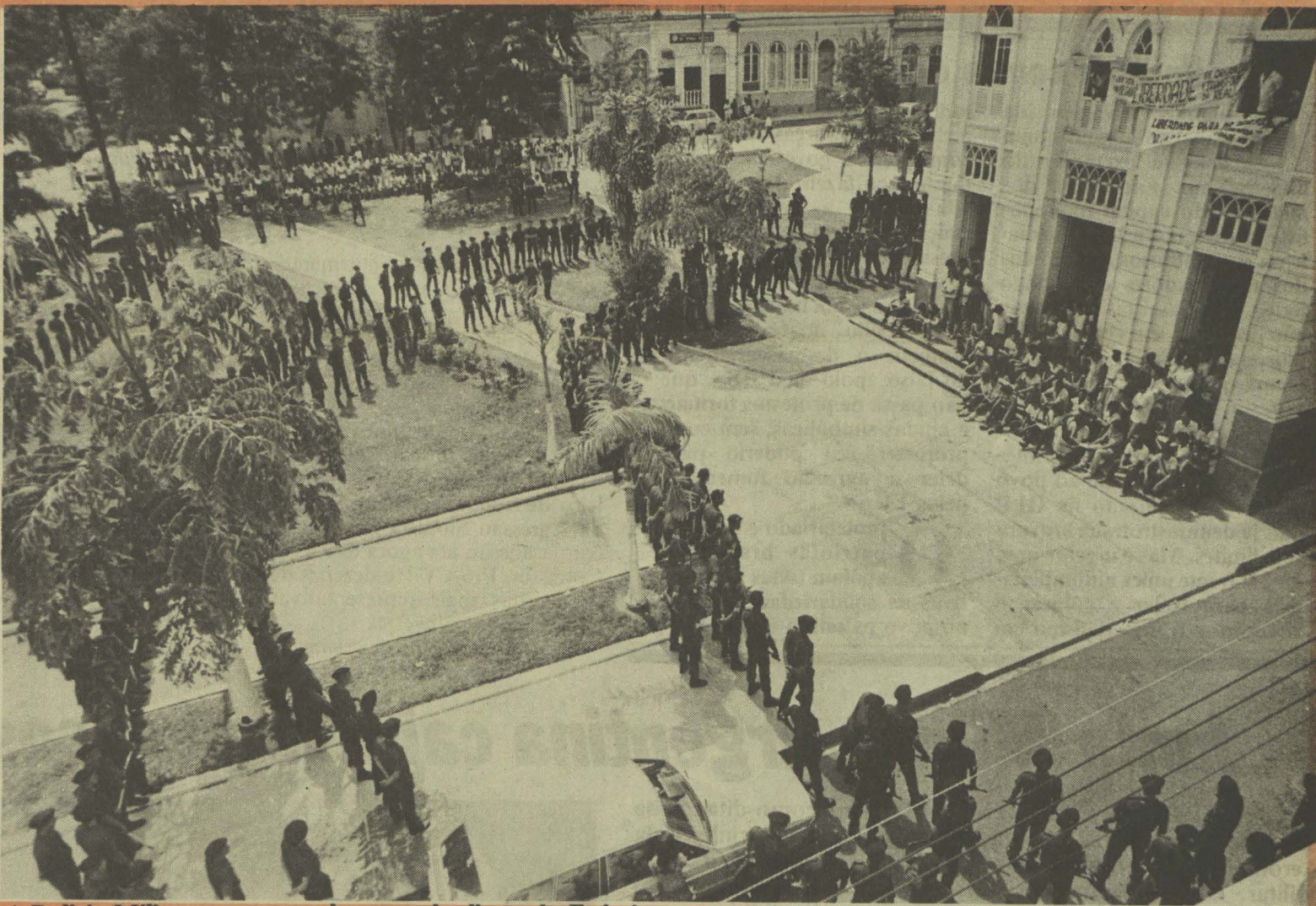
Tropa na rua para condenar quinze no Pará

As penas foram de 15 anos para o padre Aristides Camio, 10 anos para Francisco Goriou, 9 anos para o posseiro João Matias e 8 anos para os outros 12. Numa absurda demonstração de prepotência, o julgamento foi realizado sob verdadeiro cerco militar. Até

dentro da Auditoria havia soldados da PM armados de metralhadora. A opinião unânime de juristas e democratas é de repúdio ao uso da Lei fascista de Segurança Nacional. Enquanto isto, o Supremo Tribunal Federal manteve as penas de 2 anos e 3

meses dos jornalistas do Hora do Povo. E a Auditoria Militar do Paraná condenou a um ano de prisão o jornalista Juvêncio Mazzarolo, do jornal Nosso Tempo, de Foz de Iguaçu.

(Pág. 8)



A Polícia Militar paraense, sob comando direto do Exército, cerca mais de mil manifestantes na igreja das Mercês

Carneirada governista vota novo pacote

O governo trata de se manter mesmo depois de derrotado nas urnas. Pág. 3



Patrão do PDS explora crianças!

Página 6

fala o POVO

Explosão de gás denuncia drama dos taxistas

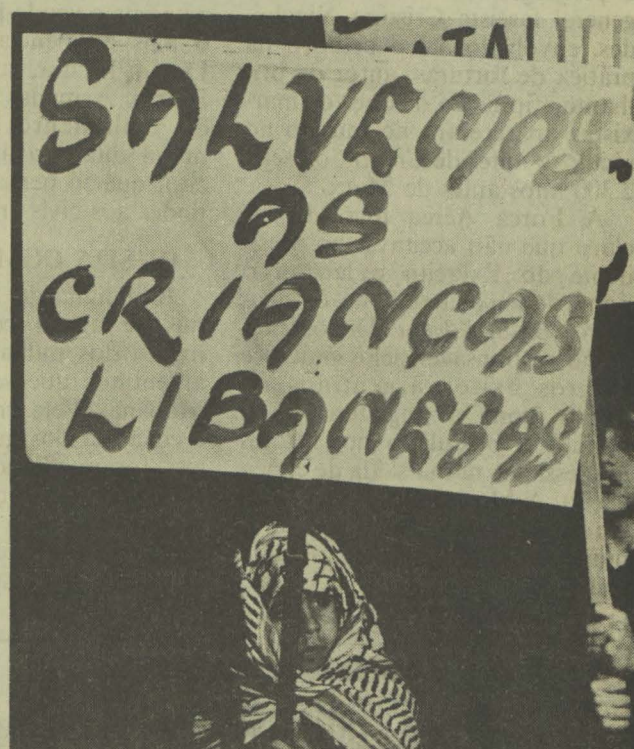
Profissionais do volante não engolem demagogia do governo. Pág. 5

O Brasil mais perto do tetra

Página 7

Viagem ao país do socialismo

Metalinguagem de São Paulo visita a Albânia. Pág. 8



Participante da manifestação do dia 22 em S. Paulo

Todo apoio à heroica resistência da OLP

Solidariedade ganha corpo. Pág. 2

Resistência heróica no Líbano

Os terroristas israelenses concentram seus bombardeios sobre os bairros residenciais de Beirute, assassinando a população civil. E ameaçam atacar Damasco, capital da Síria. A OLP e as forças libanesas resistem casa por casa. E os grupos guerrilheiros palestinos ousadamente atuam na retaguarda do exército agressor de Israel.

Os dirigentes da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) denunciaram as mentiras espalhadas pelos israelenses e americanos e reafirmaram o seu compromisso de levar adiante a revolução palestina. Alertam que não só o Líbano, mas a Síria e outros Estados árabes estão ameaçados pelo expansionismo israelense. Da mesma forma usada por Hitler, os fascistas de

Israel adotam a teoria do "espaço vital" para justificar sua agressão aos territórios de outros países. E a cada invasão repetem cinicamente que não têm interesse em conquistar nenhuma área.

A agência palestina de notícias Wafa analisa que "a batalha que ora se verifica no Líbano irá determinar, por muitos anos no futuro, se os povos do Oriente Médio irão viver como homens livres ou se

viverão sob a tutela de Israel e dos Estados Unidos".

Imitando também Hitler, que obrigava os judeus a circular com uma estrela amarela nas vestes, as forças israelenses nas áreas ocupadas separam os civis palestinos e os obrigam a andar com um imenso X nas costas. Além disto conduzem os prisioneiros civis como gado, em caminhões superlotados, para locais a mais de cem quilômetros de distância. Lá são deixados sem água e sem comida, até os interrogatórios nas salas de tortura.

TUMBA DOS INVASORES

Yasser Arafat, presidente da OLP declarou que "a batalha de Beirute está apenas começando", que ali será a "tumba dos invasores". Mostrou que apesar da superioridade militar de Israel, "um reduzido grupo de combatentes conscientes pode vencer um enorme exército". No último dia 20, um grupo guerrilheiro palestino em luta na retaguarda das forças agressoras israelenses, nas montanhas ao sul de Ain Zhalat, matou três soldados e feriu outros quatro, voltando a sua base sem qualquer baixa.

Alguns dirigentes da OLP criti-



Arafat: a batalha está só no começo

caram duramente a passividade dos governos árabes do Egito, Arábia Saudita e Jordânia, que apesar de imensos recursos pouco fazem para ajudar os palestinos e libaneses. E Abu Iyad, em particular, assinalou que enquanto os EUA estão metidos até o pescoço no apoio à invasão israelense, a URSS, que se diz amiga da causa palestina, não passa das atitudes simbólicas.



A manifestação contra a agressão israelense nas ruas de São Paulo

Solidariedade brasileira à OLP

Beirute, cercada militarmente, tem uma retaguarda política e moral que se estende por todo o mundo: a solidariedade dos povos. Na semana passada, atos públicos de protesto contra o terrorismo israelense tiveram lugar no Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta última cidade foi lançado dia 22 o Comitê Brasileiro de Solidariedade às Vítimas da Agressão Sionista no Líbano, com a adesão até agora da UNE, Comissão Pró-CUT e dezenas de outras das mais representativas entidades do país.

"Beguin, assassino de crianças",

"Beguin igual a Hitler" e "Viva a OLP!" — diziam as faixas e cartazes, enquanto tremulavam nas manifestações bandeiras do Líbano, da Organização de Libertação da Palestina e do Brasil. O ato no Rio de Janeiro desenvolveu-se diante do Consulado norte-americano, para denunciar a cumplicidade dos EUA com a agressão.

Destacava-se nas manifestações a presença de membros da comunidade árabe-brasileira, na maioria de origem libanesa, que seguem com revolta os acontecimentos na terra de seus avós.

Cuba se oferece ao capital estrangeiro

Contratos de risco para pesquisa e exploração de petróleo pela Petrobrás, associação com empresas privadas brasileiras para projetos industriais para produção de açúcar e álcool, eletrodomésticos, instrumentos elétricos, equipamentos de irrigação e outros, é o que o governo cubano acaba de oferecer a um grupo de capitalistas brasileiros que esteve em visita àquele país recentemente.

Segundo o empresário Luis Fernando Victor, a nova legislação cubana é muito favorável ao investimento estrangeiro, a mão-de-obra é relativamente barata e disciplinada. Ele comenta ainda que outra vantagem é a estabilidade social e política do regime cubano.

AS VANTAGENS

Os generosos oferecimentos cubanos são baseados num decreto-lei recém editado fixando normas "visando à exploração de atividades internas lucrativas — do interesse do capital estrangeiro e do desenvolvimento do país". O decreto trata do estabelecimento de empresas mistas

— "sob a forma de sociedades anônimas" — em princípio limitando a participação estrangeira a 49% do capital social, mas abrindo exceção para "casos que poderão ser aprovados dando ao grupo estrangeiro participação majoritária". E prevê "em casos de alto interesse", a isenção de vários impostos sobre a renda e alfundegários.

O decreto autoriza "a livre transferência para o exterior dos recursos relativos ao pagamento de dividendos e/ou lucros líquidos obtidos", assim como o "direito de importar e exportar livremente seus insumos e produtos finais". Permite ainda que "os quadros dirigentes e técnicos qualificados sejam estrangeiros livremente contratados pelas empresas", assim como a fixação de seus "salários e vantagens adicionais". Este pessoal terá "isenção de imposto de renda e direito de remeter 2/3 de seus haveres", para fora do país.

Tudo muito parecido com o que acontece atualmente no Brasil. Mas Cuba, segundo seus governantes é um país socialista. Quem é que pode acreditar no socialismo cubano diante de tudo isto?

A crise capitalista ataca economia da URSS

Já é muito conhecida a profunda crise que assola a agricultura soviética, com colheitas catastróficas nos últimos três anos. Mas agora a URSS enfrenta uma severa recessão também no setor industrial. Setores-chave da indústria, como a siderurgia e o de materiais de construção sofreram uma regressão e o ritmo de crescimento industrial caiu assustadoramente.

Hoje, cinco dos principais ramos industriais estão em retrocesso. De um total de 61 produtos registrados, 27 sofrem baixa. Em janeiro, por exemplo, houve um declínio na produção de petróleo, carvão, aço, computadores, tratores, veículos motorizados, locomotivas e vagões ferroviários, entre outros, em relação a 1981.

Segundo estatísticas oficiais, de um crescimento previsto em 4,7% para o primeiro trimestre do ano, a indústria soviética não passou de 2,1%. E o aumento de produtividade na economia, que deveria ser de 4,1%, não ultrapassou 1,5%!

EMPRÉSTIMOS EXTERNOS

Os dirigentes soviéticos recorrem cada vez mais a empréstimos dos grandes bancos capitalistas ocidentais. A dívida externa da URSS em relação ao Ocidente pulou de 7,5 bilhões de dólares em 1980 para

quase 20 bilhões atualmente. Assustados com a incapacidade da Romênia e da Polônia para pagar suas dívidas externas, os banqueiros internacionais relutam cada vez mais em fazer novos empréstimos aos soviéticos para pagar o serviço da dívida externa, criando sérios problemas de divisas para a URSS.

EXPORTAR É O QUE INTERESSA

Como em qualquer país capitalista, o governo de Brejnev joga o peso da grave crise financeira nos ombros dos trabalhadores. A URSS restringe o consumo interno e aumenta as exportações para conseguir divisas. Assim, a partir do ano passado vários produtos foram racionados, em especial os alimentos. Outros tiveram seus preços aumentados bruscamente, como a gasolina que dobrou de preço de um só golpe.

Enquanto isso, o governo soviético tenta desesperadamente exportar seu petróleo e vender suas reservas de ouro. No ano passado foram vendidas 225 toneladas de ouro, no valor de 3 bilhões de dólares, contra 90 toneladas em 1980. E só em janeiro deste ano a URSS vendeu 60 toneladas, contribuindo para que a cotação internacional do ouro esteja hoje no seu ponto mais baixo dos últimos três anos. (Luiz Fernandes)

Unidade contra o sionismo

O ataque selvagem de Israel ao Líbano é uma imagem exemplar do imperialismo. Em defesa dos interesses do capital monopolista norte-americano e israelense — contrários mesmo aos dos trabalhadores e do povo judeu — os fascistas de Telaviv não vacilam em cometer as piores atrocidades. Da mesma forma que os americanos fizeram no Vietnã.

A primeira linha de combate contra os crimes sionistas cabe ao povo palestino organizado na OLP que já demonstrou sua bravura sem limites. Mas é urgente uma ampla frente única antiimperialista para isolar e golpear o sionismo e o imperialismo em

tudo o mundo. Esta frente inclui mesmo forças vacilantes, como certos governos árabes que pouco fazem de concreto. Mas exige a denúncia de traições como a de Mubarak, presidente do Egito, que propõe uma capitulação palestina para formar um inócuo "governo no exílio" no Cairo. Exige também o desmascaramento do falso apoio da URSS, que não passa de protestos formais e ajudas simbólicas, sem comprometer seu poderio para deter a agressão fomentada pelos EUA.

O proletariado e todos os patriotas brasileiros apoiam todas as iniciativas de solidariedade à OLP, ao povo palestino e libanês.

Junta Militar argentina cai aos pedaços

A imposição do general Reynaldo Bignone como ditador da Argentina, terça-feira, levou ao rompimento da Marinha e da Aeronáutica com o Exército e o governo. Dissolveu-se a Junta Militar. Depois da derrota nas Malvinas e da deposição do general Galtieri, o país afundou de vez numa crise política que os militares fascistas não sabem como superar.

O vazio de poder é maior até do que na caótica fase final do governo de Isabel Peron. O Exército, que nomeia os ditadores de plantão desde 1976, teimou em manter o privilégio. Seu favorito era o general fascista Cristino Nicolaidis, envolvido até o pescoço na prática de torturas, autor da brilhante afirmação de que "os marxistas apareceram no mundo no século V antes de Cristo", ou seja, 2.300 anos antes de Marx.

A Força Aérea logo deixou claro que não aceitava um presidente do Exército e lançou o nome de seu comandante, o brigadeiro Basilio Lani Dozo, tido como responsável pelos únicos e magros êxitos argentinos na guerra com a Inglaterra. Seu nome era postulado nos setores interessados numa saída de conciliação. A Marinha, por fim, ficou em cima do muro e levantou o nome de um presidente paizano, o chanceler Costa Mendez.

Depois de cinco dias de impasse, o Exército impôs a nomeação do general Bignone, uma figura apagada, que sempre cumpriu funções burocráticas, mas defende ardorosamente a política monetarista e vende-pátria que levou o país à falência em seis anos. Desta forma, a ditadura das Forças Armadas chega ao auge do isolamento, transformada numa ditadura apenas do Exército, que só pensa em devolver o poder aos civis em 1984!

QUEDA COMEMORADA

A indignação contra os generais se aguçou com o repatriamento dos milhares de soldados argentinos que se renderam nas Malvinas. Pela irresponsabilidade e covardia dos generais fascistas, eles foram abandonados sem as mínimas condições em Porto Argentino, para morrer literalmente de fome e frio, ou ficarem mutilados pela gangrena.



O general Bignoni: figura apagada, burocrata, mas vende-pátria

Os 4 mil soldados devolvidos à Argentina pelo navio inglês Canberra (que a propaganda da ditadura dava como afundado) irromperam numa enorme comemoração quando souberam que Galtieri caiu.

Parecia que Maradona tinha marcado um gol pela seleção argentina. A guerra acelerou a decomposição do regime militar e a crise agora coloca mais do que nunca a sua substituição, com a conquista da liberdade pelo povo.

Tribuna Operária

Endereço:
Travessa Brigadeiro
Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, CEP 01318.
Telefone:
36-7531 (DDD 011)
Telex:
01132133 TLOP BR

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira
Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Ollivier Rangell.
Sucursais:
Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69000. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça. da Saudade, Caixa Postal 1439, Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua 7 de Setembro, 375 - Centro São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina

CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Rio Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Macéio - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camacari - CEP 42800. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constância Valadares - 3º andar - sala 411 Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Fe-

deral: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amador Peixoto, 370 - sala 802 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubá, 1716 - sala 9 - 1º andar - Campinas - Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - CEP 13100. Paraná: Av. Wiston Churchill, 2030 - sala 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montauray, 658 - 1º andar - sala 15 Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjues. Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531-8900 - São Paulo

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Receba em casa, semanalmente, o seu jornal e ajude com sua assinatura a sustentar esta Tribuna a serviço do presente e do futuro do trabalhador!

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio: ☐ Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00 ☐ semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00

Comum: ☐ Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00 ☐ semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Fone: _____ Data: _____ Profissão: _____



A "galera" que terminou definindo os rumos da convenção do PMDB, fazendo política popular e independente

PMDB faz "velório do Maluf"

Depois de sua convenção do dia 20, o PMDB paulista subiu vários pontos na preferência do eleitorado, e não é para menos. A legenda uniu-se em torno de uma chapa de consenso, criando a base para arrasar o PDS em novembro. Mas para se chegar a este "velório do Maluf", como disse um convencional, foi preciso uma inédita e exitosa rebelião das bases.

Havia mais de 20 mil pessoas no Anhembi naquele domingo. "É uma demonstração de força do PMDB" — comentou Almino Afonso, candidato ao Senado. "Uma conquista extraordinária, demonstra que está próximo o fim do governo que decide tudo nos palácios" — frisou Ulysses Guimarães. A convenção começou com uma prévia eleitoral para escolher entre os senadores Franco Montoro e Orestes Quêrcia o candidato do PMDB ao governo paulista. Montoro ganhou folgado, embora com menos folga do que se esperava. A decisão, sintonizada com a maioria do eleitorado, foi uma primeira vitória.

Em seguida, viria o outro e espetacular triunfo, que tirou o sono dos donos do poder em São Paulo.

A UNIDADE EM PERIGO

Antes mesmo de terminada a apuração da "prévia", Quêrcia, reconhecendo a derrota, se propôs a ser o vice de Montoro. Porém a comissão Executiva Estadual recusou o acordo, insistindo no nome do presidente do PMDB paulista, Mário Covas, para candidato a vice.

Era um "acerto de contas" dentro do partido, segundo as regras do jogo político atual: ao vencedor, as batatas. Quêrcia, derrotado, não tinha porque reclamar, nem como. Mas era um acerto que punha em risco a unidade do PMDB, e a própria vitória da oposição em São Paulo. A presidenta do PTB, Ivete Vargas, chegou a deslocar-se para o Anhembi, ansiosa por ganhar as sobras do "racha no PMDB" para sua legenda pseudo-oposicionista.

O deputado operário Aurélio Peres, mesmo apoiando a candidatura Montoro a governador, foi o primeiro a advertir para o perigo desta decisão. Buscou e conseguiu adesões, entre os políticos mais atentos para a importância da unidade. Mesmo assim, a causa parecia perdida. A direção partidária não se dispunha a voltar atrás.

O POVO TEM A PALAVRA

Mas logo a posição de Aurélio receberia um reforço surpreendente e profundamente inquietante para a gang de Maluf. Do fundo do plenário, da "galera" imensa de simples eleitores oposicionistas, trabalhadores, mulheres, jovens, brotou um coro colossal: "unidade! unidade!"; "Mon-to-ro-Quêrcia!"; e logo "PMDB unido jamais será vencido!" Era a demonstração de que o povo é capaz de pensar com a própria cabeça, de fazer a sua própria política independente. Ninguém mais distinguia quem era "montorista", quem era "quercista". A unidade na base estava forjada.

A massa de 650 convencionais rapidamente aderiu ao sentimento do plenário. Uma enquete da *Tribuna*, na fila de votação, apontou 41 delegados a favor de Quêrcia para a vice, para apenas um contra e um indeciso. Erasmo Pereira, presidente do PMDB de Estrela do Norte, com um adesivo de Montoro bem visível na lapela, explicou: "Tem que ser o Quêrcia mesmo, para a gente unir o PMDB e acabar com esta máfia que está no governo".

A Executiva, atônita, suspendeu a votação para reunir-se novamente, às pressas. E Mário Covas, num gesto de bom senso e coerência oposicionista,

Fazer política

A Convenção do PMDB paulista forneceu lições preciosíssimas, não só para a vasta multidão presente mas para todo o povo brasileiro.

Primero, ela mostrou que o povo pode — e precisa — fazer política. É hora de quebrar esse tabu de que "política é coisa dos políticos". Mais do que nunca, política tem que ser coisa do povo.

Segundo, provou que o povo tem que fazer a sua política, popular: união com todos os democratas e chumbo grosso no governo militar. Assim o povo pode influir até decisivamente no rumo da frente democrática.

Terceiro, demonstrou que, para não ficarem em inferioridade perante os espartos políticos liberais e conservadores, os setores populares necessitam aprender a fazer política. Sem nunca abandonar sua conduta de princípios, precisam adestrar-se na ciência e na arte das flexões e vaivéns táticos, que às vezes mudam em questão de minutos.

Na Convenção houve tudo isto. E foi daí que brotou a vitória.

retirou sua candidatura em favor de Quêrcia.

Hoje, a própria direção peemedebista e Montoro reconhecem que esta foi a solução ideal. O PMDB saiu reforçado como nunca, não como propriedade de Montoro, Quêrcia ou quem quer que seja, mas como deve ser — uma ampla frente, aberta a todos que desejam combater o regime militar e sensível aos anseios do povo trabalhador. (Bernardo Joffily)

PMDB maranhense parte para virada

"1982 poderá ser o 1974 do Maranhão" — essa afirmativa, que pode ser ouvida na boca de um grande número de peemedebistas maranhenses, dá bem a medida do que se espera das eleições deste ano. Em 1974, o antigo MDB venceu a Arena em 16 dos 21 Estados do país, mas perdeu no Maranhão.

Quando o MDB maranhense transformou-se em PMDB, sofreu uma verdadeira transfiguração. Era uma agremiação raquítica, com 20 a 30 diretórios nos 131 municípios do Estado. Passou a ser uma máquina oposicionista, com 85 diretórios municipais formados e outros 34 em formação. Destes 119 municípios, 70

já confirmaram que lançarão candidatos a prefeito este ano.

Em 1978, o MDB maranhense partiu para a disputa eleitoral com 16 candidatos a deputado estadual e quatro a federal. Agora, terá cerca de 30 aspirantes à assembleia legislativa e dez ou onze à Câmara Federal, além de dois candidatos a senador e do candidato a governador — o ex-deputado federal cassado Renato Archer, atual presidente do partido.

LIBERAIS E POPULARES

O crescimento deveu-se em boa parte ao grupo de oposicionistas liberais capitaneado por Renato Archer. Antes, as únicas "estrelas" do MDB eram os deputados Freitas Diniz (hoje no PT) e Epitácio

Cafeteira, responsáveis pelo imobilismo crônico que consumia a agremiação. Com a anistia, Archer voltou à atividade política e imprimiu ao partido uma ação até então desconhecida, visitando municípios, fundando diretórios e abrindo o espaço para novas lideranças oposicionistas.

Nesta movimentação, projetou-se também a corrente popular: agiu de forma ordenada, consequente, e continua a se transformar numa força de relativo peso dentro do PMDB, organizando diretórios, realizando reuniões e encontros regionais, criando núcleos distritais e, mais recentemente, lançando seus candidatos próprios.

PERSPECTIVA DE VITÓRIA

A partir destes dados, José Augusto Mochel, candidato a deputado federal pelo bloco popular, observa que "há uma perspectiva de vitória do PMDB no Maranhão em novembro. Já crescemos bastante nos dois últimos anos e até novembro cresceremos mais ainda, se realizarmos uma campanha ofensiva, mostrando a deterioração do regime, a falência do modelo administrado pelos generais. O PMDB poderá governar o Maranhão em 83".

Já o jornalista Luiz Pedro, candidato a deputado estadual pelo bloco popular, aponta também algumas deficiências sérias: "Partimos de um patamar baixo. O Maranhão sempre foi tido como curral eleitoral do governo. Por outro lado, temos a imensa vontade de mudar. A união do povo é que decidirá em última análise o resultado eleitoral no Maranhão". (da sucursal).



Comício de lançamento de candidatos do bloco popular no Maranhão

PDS diz amém a novo pacote de Figueiredo

Em três seções de quinta-feira, tensas, mas com cartas marcadas pela subserviência do PDS, passou pelo Congresso Nacional o último pacote eleitoral do general Figueiredo.

Esta era a certeza dos observadores políticos em Brasília no início da noite, devido à presença de 215 deputados e 34 senadores pedessistas no plenário, atendendo ao toque de reunir do Palácio do Planalto. No início da semana, a direção do PDS havia decidido considerar a questão "fechada" — ou seja, quem votasse contra perderia o mandato. Diante do interesse dos donos do poder em aprovar a todo custo o pacote, os chamados dissidentes do PDS obedeceram docilmente ao comando. Até o deputado Haroldo Sanford (PDS-CE), que dias antes posava de rebelde, resolveu votar com o governo, alegando que de qualquer forma fôra atingido o quórum mínimo (211 deputados e 34 senadores).

A oposição tentou impedir a aprovação do pacote usando a tática da obstrução, prolongando o debate. E em resposta o PDS apelou para alguns dos truques sujos do seu repertório.

Quando o relator Jairo Magalhães lia seu parecer de 11 laudas, seu comparsa Siqueira Campos (PDS-GO) passou-lhe um bilhete alertando que não ia dar tempo e que ele devia pular algumas páginas para andar mais depressa, o que foi feito. O bilhete foi flagrado pelo deputado Freitas Diniz. Mais tarde, o senador José Camargo, temeroso de não alcançar o quórum necessário, produziu o milagre de transformar 215 votos em 218, fraudando a votação. (da sucursal)



O senador Passarinho, que presidiu a votação, com seus comparsas

Novas embrulhadas do governo militar

A mudança do quórum de dois terços para alterar a Constituição é o principal objetivo dos militares com as novas reformas levadas ao Congresso na semana passada. Atualmente basta a maioria simples do Congresso para alterar a Constituição — e como a maioria simples militares sempre se utilizaram lação de forças, tudo indica, irá se alterar com as próximas eleições, daí o interesse do governo em mudar a regra do jogo. Tendo a maioria no Congresso, e sendo derrotado o pacote, a oposição pode, por exemplo, convocar eleições diretas para presidente da República — o que causa pesadelo nos generais golpistas...

Aliás, a eleição presidencial é outra alteração das reformas: estava marcada para outubro de 1984, mas Figueiredo quer jogá-la, agora, para janeiro de 1985. Quer manter, é claro, a eleição indireta.

No seu pacote de reformas o governo volta a alterar a duração de mandatos de prefeitos e vereadores — pela sexta vez, desde que os generais estão no poder. Agora o governo quer descoincidência de mandatos (em 1980 as eleições foram adiadas para este ano, para que houvesse coincidência!), e para isso os prefeitos e vereadores teriam mandato de seis anos. Essas são algumas alterações do nosso embrulho do governo.

O roubo do crédito rural vai aumentar

No dia 16 de junho o governo retirou a burocracia do crédito rural. Mas não foi para atender uma velha reivindicação dos camponeses. Afinal, os grandes proprietários — que já abocanhavam a maior parte do crédito a juros baixos — precisavam fazer truques para desviar o dinheiro. Agora vão deitar e rolar.

Neste ano o crédito rural deverá movimentar mais de 2 trilhões de cruzeiros. É um grande negócio para os banqueiros e especuladores. Mas deixa de fora a esmagadora maioria dos produtores rurais. As novas resoluções do governo vão facilitar a vida dos grandes. Antes eles precisavam preparar planos detalhados de plantio, fazer consultas a técnicos agrônomos e apresentar muita papelada. Isso não impedia a fraude. Os planos eram falsificados, os grandes produtores e seus contadores pegavam o dinheiro do empréstimo rural pagando uma taxa de juros de 45% ao ano. Aplicavam em caderneta de poupança, que rendia 90% ao ano ou mais, e ganhavam a diferença de 45% na maciota. Os escândalos se repetiram. Numa das linhas de crédito, por exemplo, o Banco Central descobriu que estava sendo desviado 30% dos empréstimos. Agora o governo, ao invés de apertar a fiscalização, libera completamente os empréstimos.

GALINHA MORTA

Muita gente não entende como é que os banqueiros conseguem fazer empréstimos rurais com juros de 45% ao ano, enquanto a inflação é de 100%. Acontece que os bancos recebem centenas de bilhões de cruzeiros em depósitos à vista do público. Seja para pagar contas de água e luz ou para ter



Três milhões de pequenos proprietários não recebem crédito.

conta corrente, milhões de pessoas deixam algum dinheiro no banco. E não recebem nada por isso. O banqueiro pega esse dinheiro — que não lhe custa nada — e o empresta a juros de 45% ao ano, para custeio agrícola. Dá um lucro fabuloso. Um exemplo é o Banco do Brasil, que sozinho responde por mais de 80% do crédito rural, e tem lucros enormes. Em 1981, por exemplo, seus lucros cresceram 240%.

BRUTAL CONCENTRAÇÃO

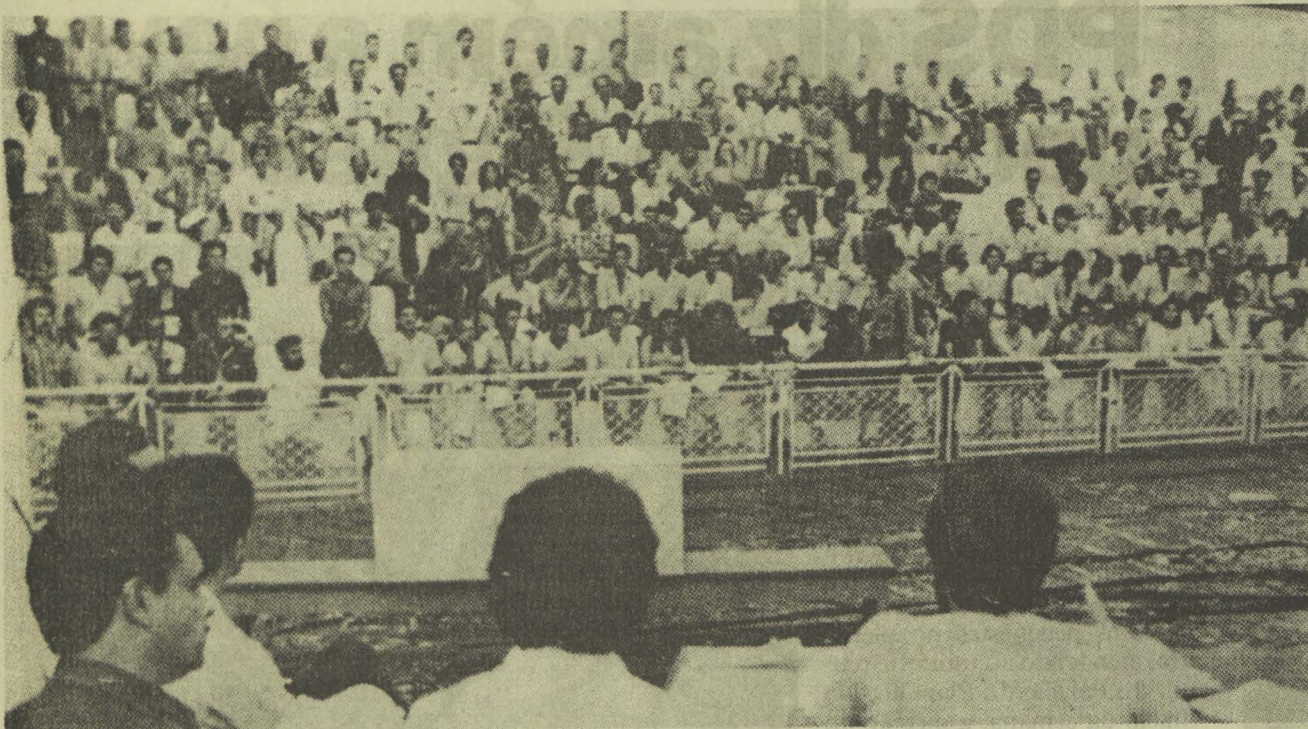
O crédito rural é um dos principais instrumentos de domínio dos grandes fazendeiros sobre a agropecuária. Os pequenos não têm fácil acesso ao gerente da agência bancária pois não têm garantias a oferecer. A quantidade do empréstimo é do tamanho da terra. Quem tem mais terra pega mais dinheiro. Basta ver a brutal concentração do crédito. O relatório de 1981 do Banco do Brasil explica bem a situação do campo. Dos 4 milhões de pequenos proprietários existentes no país, apenas 1,2 milhão foi atingido pelo crédito rural. Isso mostra que 2,8 milhões de produtores estão completamente fora do circuito

do crédito. Como cada um tem de 3 a 4 dependentes, o total de desfavorecidos pelos empréstimos passa de 10 milhões de pessoas!

Os latifundiários são os privilegiados. Do total de 1,7 milhão de operações de crédito rural realizadas em 1980 pelo Banco do Brasil, 88 mil foram feitas por grandes proprietários, o resto foi para médios e pequenos. Mesmo sendo apenas 5% dos que tomaram empréstimos, eles ficaram com quase a metade do valor total dos créditos.

Enquanto os 88 mil grandes proprietários abocanharam 200 bilhões de cruzeiros, os 700 mil pequenos proprietários que conseguiram empréstimos ficaram com 40 bilhões.

Mas o agrônomo Luiz Carlos Guedes vai ainda mais longe na denúncia. Segundo seus cálculos, os 3 mil maiores proprietários ficaram com 130 bilhões de empréstimos, o que dá quase um terço do total. É juro barato para quem já tem muito dinheiro. Na verdade uma parte desses grandes fazendeiros está ligado aos grandes bancos e os grandes bancos também são grandes proprietários de terras. Está tudo em família! (Luiz Gonzaga)



Cerca de 400 delegados — o dobro do Enclat do ano passado — participaram do Encontro em Goiânia

Enclat goiano critica Pró-CUT de imobilista

Cerca de 400 delegados da cidade e do campo, o dobro do Encontro anterior, participaram do II Encontro Estadual das Classes Trabalhadoras (Enclat) de Goiás, que se realizou nos dias 18, 19 e 20 de junho.

Os trabalhadores rurais e urbanos presentes ao II Enclat consideraram que a atual Comissão Nacional Pró-CUT não cumpriu fielmente as deliberações da Conferência da Praia Grande. E que não tem direito e nem poder para modificar a decisão dos mais de cinco mil delegados, adiando a data da realização do II Conclat (Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras). Neste sentido reafirmaram que o Congresso deve ser realizado em agosto próximo, considerando-o de fundamental importância para o avanço da organização dos trabalhadores a nível nacional.

ENCONTRO VITORIOSO

O II Enclat de Goiás teve significativa participação dos trabalhadores, sendo um encontro vitorioso e combativo, segundo a avaliação de vários delegados. Na opinião de Silvio Costa, presidente do Sindicato dos Professores e um dos eleitos para a Comissão Estadual Pró-CUT, "a força da classe operária, dos trabalhadores em geral, está em sua união. E a luta unitária dos trabalhadores vem de longa data contra a estrutura sindical fascista, a exploração, as ideias divisionistas e o plurisindicalismo social-democrata". O encontro goiano tirou a resolução

de lutar contra o sindicalismo imobilista e pelego, apoiando sindicalistas comprometidos com os interesses dos trabalhadores.

Os trabalhadores goianos repudiaram a ditadura militar e o seu partido político, o PDS, e indicaram o voto na oposição em 15 de novembro. Exigiram o fim das perseguições aos patriotas e democratas brasileiros e o fim do enquadramento na Lei de Segurança Nacional de lideranças sindicais. Foi duramente criticada a tentativa do governo de expulsar do país Francisco Javier, o presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) e exigiu-se a sua imediata naturalização. Por aclamação os delegados decidiram lutar pela reforma agrária radical, que confisque o latifúndio em todo território nacional e dê a terra aos camponeses.

CRIAR A CUT?

Um ponto que mereceu atenção especial dos presentes ao Enclat foi o relativo à criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) neste Congresso. Eliezer Alves Bento, diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruana — outro eleito para Comissão Estadual Pró-CUT —, afirmou à Tribuna que "não há condições objetivas para a criação da CUT este ano". Deliberou-se que é necessário eleger uma nova Comissão Pró-CUT, que contribua para a unificação das lutas dos trabalhadores, criando condições mínimas necessárias para se ter uma CUT combativa e unitária.

O Enclat goiano decidiu também realizar ampla campanha de sindicalização nas diversas categorias; lutar pela liberdade e autonomia sindical e pela independência do Sindicato em relação aos partidos políticos; e que a luta sindical deve se vincular mais aos movimentos populares.

Quanto à situação internacional, os trabalhadores manifestaram o seu mais veemente repúdio a todas as atitudes de caráter imperialista das grandes potências, principalmente dos Estados Unidos e da União Soviética. Solidarizaram-se com a luta do povo de El Salvador e de todos os povos que lutam pela independência nacional e pelo socialismo.

Governo aprova na marra o Pacote da Previdência Social

No dia 25 de junho encerra-se o prazo para o Congresso Nacional discutir o famigerado "Pacote da Previdência", como ficou conhecido o decreto-lei 1910 que aumenta as contribuições ao INPS entre 8 e 10%. Mas como o PDS se recusou a discutir a matéria, retirando-se do plenário no último dia 15, já é certo a aprovação do Pacote por decurso de prazo.

A Tribuna conversou com alguns dirigentes sindicais de São Paulo sobre o assunto. Paulo Soler, secretário-geral do Sindicato dos Metroviários, foi taxativo: "Este pacote é mais um roubo do governo, não é simplesmente um aumento de contribuição. E as autoridades ainda estão mentindo. Elas dizem que os trabalhadores que ganham de 1 a 3 salários mínimos só terão um aumento de meio por cento para o INPS. Mas fazendo as contas no lápis a gente vê que o valor real do aumento é de 6,5%. E já que a Previdência Social está em crise, por que o governo não cobra dos empresários, donos de clube e empresas do próprio Estado que não pagam a Previdência há tempos?"

Soler afirma que não ficou surpreso com a atitude do PDS que se retirou do plenário do Congresso na hora de discutir o Pacote. "Estes testas-de-ferro do governo estão morrendo de medo das eleições de novembro e não compareceram à votação simplesmente para não se queimarem diante dos dois

mil aposentados que lá se encontravam".

PREVIDÊNCIA FALIU

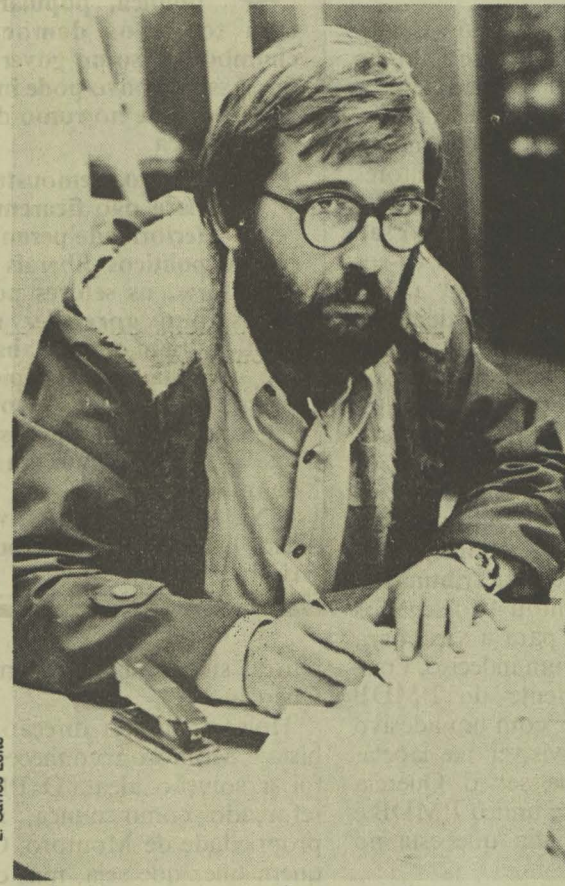
Para José Eduardo Molina, diretor do Sindicato dos Bancários, a desculpa do governo de que a Previdência está com um déficit grande, não convence. "Quem fez este rombo foram os próprios militares. Antes de 1964 os trabalhadores controlavam a Previdência e não havia crises profundas. Os fundos de pensão serviam até para os aposentados construírem suas casas próprias. Sob o controle dos militares começou a degeneração, com o incentivo às clínicas privadas e à corrupção aberta. Agora que está em crise, o governo vem tentar arrancar o dinheiro dos trabalhadores, em particular dos aposentados, que vivem trabalhando para depois morrer na miséria."

Sobre a postura do PDS, Molina afirma: "Os gritos no plenário de Brasília deixam bem claro qual será o fim destes traidores pedessistas. O pessoal não se cansou de gritar: 'Novembro vem aí, o PDS vai cair'; 'O povo não esquece, vai votar contra o PDS'. A fuga mostra que eles pertencem à mesma laia de corruptos, mamam nas mesmas tetas".

CLÍNICAS VÃO GANHAR

"E o pior de tudo é que nem o aumento da contribuição vai resolver o problema da Previdência Social, que continuará com atendimento

precário", afirma o doutor Jamil Murad, diretor do Sindicato dos Médicos. "Não vai resolver porque o governo tem gastos incontroláveis com as empresas particulares da medicina. Hoje existem cerca de 700 hospitais privados trabalhando com o Inamps. Somente quatro hospitais são do Estado. Todo o dinheiro arrecadado a mais vai ser sugado por estes capitalistas da saúde. Afinal esta é a política do governo: tirar o dinheiro do povo através de impostos e contribuições e repassá-lo para os empresários. E a saúde dá lucro, tanto que uma empresa norte-americana veio ao país recentemente e comprou o convênio Amico, um dos maiores do país".



Soler: "mais um roubo do governo"

Professores renovam associação no Acre

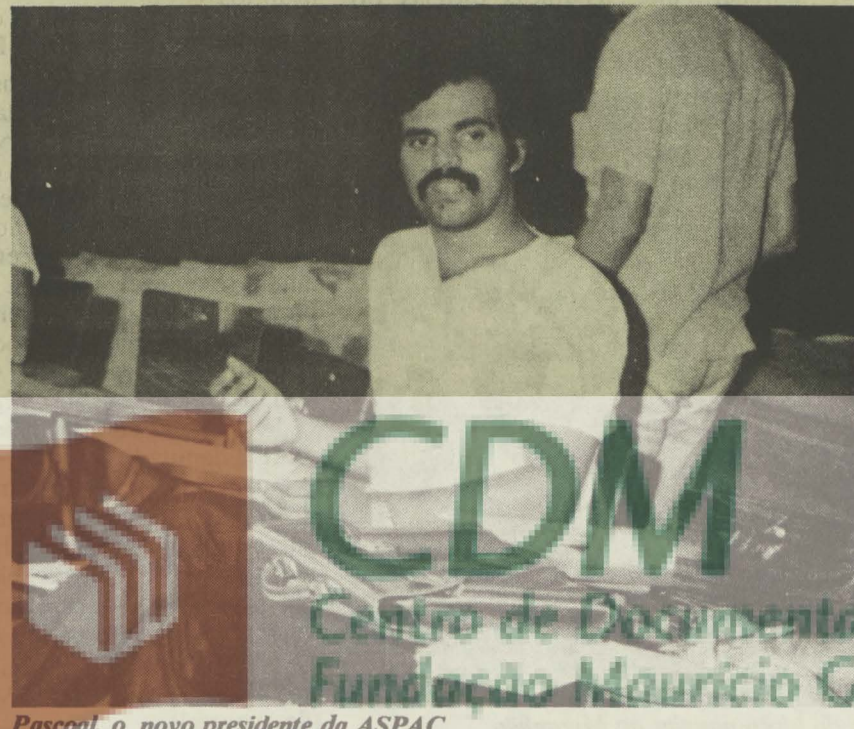
O professor Pascoal Torres Muniz é o novo presidente da Associação dos Professores do Acre. Sua eleição se deu após a inesperada atitude da direção da ASPAC, dia 10, de renunciar em bloco e convocar assembleia extraordinária, para escolha de nova diretoria no dia 19 de junho.

Duas chapas surgiram, a encabeçada pelo professor Pascoal e integrada pelo comando da última greve, "Categoria Unida", e outra formada pela Secretaria de Educação, integrada por diretores das escolas, tidos como os maiores inimigos do magistério.

No momento da eleição, a chapa dos diretores se retirou e indicou a professora Socorro Milone para presidente da ASPAC, que imediatamente recebeu

apoio da professora Célia Pedrina, candidata a deputada estadual pelo PT do Acre. Com isso, configurou-se uma aliança entre o governo e dirigentes do PT, contra a chapa "Categoria Unida".

Mas os professores derrotaram as intenções do governo de dirigir a ASPAC, e elegeram a chapa "Categoria Unida", cujas propostas essenciais são a criação de departamentos e comissões nas redes de ensino particular, municipal, federal e do interior; participação da Conclat em agosto e participação do XVI Congresso da CPB. A nível geral a nova diretoria defende a convocação de uma Constituinte por um governo democrático, e o ensino público e gratuito para todos. (da sucursal)



Pascoal, o novo presidente da ASPAC

Governo culpa os barbeiros pela inflação de 100%

Depois da crise do petróleo e do chuchu, o governo militar achou um novo culpado pela inflação de 100% ao ano que o país vem sofrendo: os barbeiros! O secretário Especial de Abastecimento e Preços do general Figueiredo, Júlio César Martins, convocou dirigentes de associações estaduais de barbeiros e cabeleiros e, dedo em riste, foi ameaçando tabelar o preço dos cortes e escanhoadas, classificando de "injustificáveis" os reajustes de preços de 13,2% no serviço dos barbeiros, ocorrido em maio, quando a inflação foi de 6,1%.

Enquanto o preço dos alimentos de consumo básico continuam indo para cima, as tarifas de transporte pesam cada vez mais no bolso do povo, os alugueis, taxa de eletricidade, água, etc., continuam tendo reajustes frequentes e sem nenhum controle, o governo militar ataca agora aos barbeiros, querendo responsabilizá-los pela crise econômica profunda que vive o país (será que são também os barbeiros os responsáveis pelo desemprego?). É o que se pode chamar de mentira cabeluda...

Coferraz recebe mísero "fundo de desemprego"

O governo divulgou semana passada que havia liberado o fundo-desemprego para os operários da Coferraz, que há cinco meses não recebem seus salários. Com isso, disse "resolver os problemas dos trabalhadores". Conforme pôde comprovar a Tribuna, essa não passa de mais uma mentira. Os metalúrgicos receberam apenas Cr\$ 13.200,00 e continuam em dificuldades.

Enquanto os operários prosseguem a luta para arrancar seus salários do dono da Coferraz, continuam a chegar coletas à Tribuna solidarizando-se com a classe. Em Pindamonhangaba foi feita a maior coleta até o momento e, o mais empolgante, entre os operários da Confab Tubos. Cerca de 300 metalúrgicos, dos 680 da firma, contribuíram com Cr\$ 17.850,00. Também os motoristas da Empresa Tursan deram seu apoio.

Já na Convenção Estadual do PMDB foram coletados mais Cr\$ 2.365,00, por iniciativa dos membros do PMDB Jovem de São Caetano e Santo André.

Continua a greve da Faculdade de Medicina em Minas

Após quase uma semana de greve na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, onde participam funcionários, professores e alunos, abriu-se canal de negociações, tendo o reitor como mediador. De um lado se encontram os grevistas, e do outro o grupo que apóia a decisão da congregação dessa faculdade, de não aceitar os seis nomes indicados pela comunidade para serem escolhidos como diretores da Faculdade de Medicina.

Mas nas negociações iniciais continua a intransigência do grupo da congregação, que só aceita sugestões para vice-diretor, e não para diretor. Segundo o professor Rodolfo de Almeida, do Comando de Greve, "esta greve põe claro o grau de repressão que os funcionários sofrem na universidade. A greve tomou um caráter mais radical, levando a grandes debates sobre a democracia e o ensino". Além de ser a primeira greve conjunta dentro da universidade, "a greve rompeu as relações formais estabelecidas no dia-a-dia do nosso trabalho". (Maria do Rosário Amaral)

Mineiros e gaúchos fazem preparativos do Encontro

Começam a esquentar os preparativos para a realização do Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat). Os contornos do que será o Conclat já vão se definindo nos encontros em cada Estado.

Em Minas Gerais ocorreu no dia 19 uma reunião na Federação dos Trabalhadores Rurais (Fetaemg), com a participação de 26 Sindicatos, que marcou para os dias 7 e 8 de agosto o II Encontro Estadual das Classes Trabalhadoras (Enclat).

Em função do imobilismo da Pró-CUT mineira, coube ao Sindicato dos Médicos de Belo Horizonte a iniciativa de convocar a reunião. Neste sentido deu um passo fundamental na superação do impasse que vivia o movimento sindical estadual e na sua reunificação.

Quanto ao temário do Encontro, definiu-se que ele será basicamente o mesmo sugerido pela Comissão Nacional Pró-CUT para a Conclat. Acrescentou-se somente ao item

Movimento Sindical a discussão sobre a organização dos trabalhadores por local de trabalho e um debate específico sobre a situação do sindicalismo mineiro. O Enclat terá como objetivo definir as lutas unitárias a serem travadas e eleger uma Comissão Estadual que coordene a luta dos trabalhadores mineiros.

O número de delegados de base para o Enclat será um pouco maior do que o solicitado pela Pró-CUT para o Congresso de agosto. Quanto às diretorias sindicais que se recusaram a participar do evento, impedindo a categoria de fazê-lo, a Comissão que organiza o Enclat avaliará a situação e interferirá no caso.

ENCLAT GAÚCHO

No último dia 20, foram realizados nove encontros zonais no Rio Grande do Sul os quais decidiram que o Enclat gaúcho será feito nos dias 16, 17 e 18 de julho em Porto Alegre. Nos encontros de Ijuí, Pelotas, Caxias do Sul, São Leopoldo e Passo Fundo foi

aprovado que a realização do Conclat deve ser em agosto deste ano em São Paulo. Já os encontros de Lajeado, Uruguaiana, Livramento e Santa Maria tiraram a resolução de que o Conclat deste ano deve ter os mesmos critérios de delegação da Conferência da Praia Grande. Foi criticada a posição da Comissão Pró-CUT de reduzir o número de delegados ao Congresso. E, analisando a realidade do movimento sindical no Brasil e a situação de instabilidade política, concluiu-se que não é oportuno construir a Central Única dos Trabalhadores (CUT) neste Conclat, mas sim renovar a Comissão Nacional Pró-CUT.

Nos vários encontros foi discutida a necessidade da unificação do movimento sindical e popular; de realizar uma campanha pela reforma agrária e um movimento de luta contra o desemprego. Debateu-se também a necessidade da construção das intersindicais zonais e da intersindical estadual para dirigir a luta dos trabalhadores no Estado.



Na medida em que o BNH não cumpre suas funções, aumenta-se o número de favelas

Casa própria mais difícil pelo BNH

O número de famílias sem casa própria está aumentando. E o governo é um dos principais responsáveis. O reajuste das prestações da casa própria do BNH (Banco Nacional de Habitação) já está em torno de 90%. Para complicar mais a vida dos mutuários. José Lopes de Oliveira, presidente do BNH, já fala em fazer os reajustes de seis em seis meses.

“Com aumento uma vez por ano nós não estamos tendo condições de pagar, imagine se vier de seis em seis meses”, fala revoltada uma moradora de um Conjunto Habitacional do BNH em São Paulo. Opiniões como esta é o que mais se ouviu dos mutuários. Alguns especialistas da própria área governamental já reconheceram que a semestralidade vai prejudicar o morador.

O economista Gabriel Bolaffi, com vários trabalhos publicados sobre o problema da habitação no Brasil, é enfático ao falar da política habitacional do governo: “Nem sou eu que precisa dizer, basta olhar para os fatos para concluir que ela é uma falência total.” Essa política não só deixou de solucionar os problemas habitacionais das massas populares urbanas, como ela consistiu na contínua malversação dos recursos do FGTS e das Cadernetas de Poupança, supostamente destinados aos programas habitacionais.

Se o problema habitacional nunca foi resolvido, atualmente se agravou ainda mais devido ao desemprego. Antonio Milton era metalúrgico na Volkswagen, em São Bernardo, e está desempregado há quatro meses. Como não tinha condições de pagar as mensalidades da casa própria adquirida através do BNH, Milton foi obrigado a vender sua casa. Sem lugar para morar, com quatro filhos menores, Milton já está com passagem comprada para voltar para sua terra natal.

Mesmo aqueles que não estão desempregados sofrem uma enorme dificuldade para pagar suas prestações da casa própria. Anastácia do Prado Moreira, mora no Conjunto Habitacional Padre José de Anchieta, em Itaquera, zona leste de São Paulo. Como a maioria dos moradores daquele local, seu marido ganha menos do que dois salários mínimos. Ela diz: “A gente não tem condição de pagar este aumento que vem aí. Ou a gente come ou paga a prestação”. Atualmente ela paga 4.700 cruzeiros mensais de prestação. Com o aumento irá para mais de 8 mil, ou seja, um terço do salário de seu marido.

ATÉ 10 ANOS NA FILA

Mas para conseguir acesso a uma casa do BNH também não é fácil. É comum ficar na fila de espera entre dois a dez anos. Teresa Gomes esperou seis anos e explica que há quatro anos atrás “comprei a casa no valor de 139 mil cruzeiros. Depois de pagar todo este tempo, me disseram que devo 700 mil cruzeiros”. Tereza conta o caso ocorrido com uma amiga sua “que esperou vários anos para entrar num aparta-

mento. Mas depois que viu que ia ter que pagar dez mil de prestação, desistiu”.

A revolta dos moradores contra estes aumentos exorbitantes é geral. Uma moradora do Conjunto José de Anchieta diz a suas colegas que os “moradores devem se juntar e dar um jeito contra esses aumentos. Leonor Souza Poço dá sua opinião: “Essas casas são feitas com o dinheiro do Fundo de Garantia. Eu queria saber quantas vezes nós vamos ter que pagar a nossa casa”.

DESVIOS DE VERBAS

O BNH conta com fabulosos recursos econômicos provenientes das Cadernetas de Poupança e do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Este dinheiro é consumido nos crescentes lucros das 10 mil construtoras que têm contrato com o BNH, em empréstimos a organismos econômicos do governo ou na construção de luxuosos prédios que lhes servem de sedes.

“Uma proporção decisiva dos recursos geridos pelo BNH vem sendo destinada ou ao financiamento da dívida interna do governo federal ou a outros programas que nada tem a ver com a habitação”, denuncia o economista Gabriel Bolaffi.

Como se não bastassem todos estes males, existem cerca de 50 mil residências do BNH prontas, mas sem moradores, porque não podem pagar. E é sintomático que o número de favelas vem aumentando numa proporção muito maior que o aumento da população.

Demagogia com taxistas favorece multinacionais

A explosão do táxi a gás de José Bráulio, no dia 22, em São Paulo, chamou a atenção para a situação dos taxistas. Na mesma semana, o governo, fazendo demagogia com a categoria, retirou os impostos para a compra de táxis à álcool e abriu empréstimos na Caixa Econômica.

Com as medidas tomadas pelo governo, um carro que custasse um milhão, ficaria em 600 mil cruzeiros, sem a parcela do IPI e do ICM, que são impostos sobre produtos industriais e sobre circulação de mercadorias. Dessa forma um taxista poderia comprar um carro novo, movido a álcool, economizando 400 mil cruzeiros. Sem falar no empréstimo facilitado pela Caixa Econômica Federal. Isso até parece uma grande ajuda.

Fomos conversar com alguns deles. Humberto Alves, taxista desde 1978, trabalha com carro de frota e tem que pagar 2.200 cruzeiros por dia. Segundo ele: “Esse projeto do governo não resolve. O que resolve é subsídio para o álcool. Até que eu me entusiasmei com a idéia. Fui na Caixa Econômica e me disseram que precisava de avalista, que o avalista tem que ter propriedade, o diabo. Quer dizer que só consegue quem tem dinheiro. É o frosta que vai sair bem. Vai renovar seus carros. Pra nós mesmo, é só demagogia.”

Osvaldo Franco, taxista há 9 anos, também em frota, e nos disse: “O problema desse financiamento é o avalista. Onde a gente vai arranjar? É uma desgraça. Pagar a diária pra frota já é difícil. Nisso o financiamento é bom, dá pro sujeito largar da frota. Mas não



Com a explosão, José Bráulio está internado no Hospital do Tatuapé.

é fácil pagar as prestações. A gente já trabalha sem folga, e tem um grande problema: se o carro encenra ou, se por desgraça qualquer, você dá uma batida, você não tem de onde tirar dinheiro nos dias parados.”

AS INDÚSTRIAS SÃO FAVORECIDAS

É verdade que os donos de frota estão muito contentes com as resoluções, mas os maiores favorecidos são os trustes do automóvel. Romeu Neto, um chefe da General Motors, não escondeu sua satisfação e previu que com essa medida a indústria automobilística iria faturar mais três mil unidades extras por mês. As revendedoras chegam a calcular essa venda extra em 10 mil unidades!

Com uma queda violenta nas exportações de automóveis nos primeiros meses de 1982, o governo veio

correndo ajudar a indústria. E como sempre a generosidade do governo é feita com dinheiro alheio. O corte nos impostos, que pode chegar a 3 ou 4 bilhões por mês, será uma sangria nas verbas para Educação, Saúde, Previdência.

As indústrias automobilísticas têm aumentado seus preços bem acima da inflação e está difícil de empurrar seus produtos, pois o mercado interno e externo está mergulhado na recessão. A retirada de impostos para o táxi a álcool é uma forma de baratear o preço do veículo, sem tocar nos lucros das multinacionais do automóvel.

Pela os milhares de motoristas que, como José Bráulio, andam com táxis a gás ou com seus carros próprios em mau estado de conservação, a situação não muda muito. Como diz o taxista Osvaldo: “Trabalho 18, até 20 horas por dia. A corrida está cara, o povo não tem dinheiro para pegar táxi.”

UNE organiza show em apoio a Javier

A suspensão da liberdade vigiada e, de imediato, a sua transferência para São Paulo são as principais reivindicações do presidente da UNE, Francisco Javier, enquanto aguarda resposta ao seu novo pedido de naturalização. Em São Paulo, está sendo preparado um show em apoio a Javier.

Desde que foi-lhe imposta a liberdade vigiada, o presidente da União Nacional dos Estudantes, Francisco Javier Alfaya, não pode sair de Salvador, cidade onde vive. Acontece que para Javier é importante a sua transferência; além de não haver o menor sentido em mantê-lo sob liberdade vigiada. Ao mesmo tempo, os estudantes brasileiros continuam exigindo a imediata naturalização do presidente da UNE, negada sem nenhuma base legal pelo ministro Ibrahim Abi Ackel. Em Goiás as posses das novas diretorias dos centros acadêmicos das Universidades Católica e Federal estão sendo transformados em atos de protesto contra a expulsão.

Em São Paulo, vários artistas estão programando um show, a ser apresentado pela atriz Sônia Braga, no dia 9 de julho, em apoio à UNE e seu presidente. Já confirmaram sua participação os artistas Beto Guedes, Lô

Borges, Joyce, Bedengó e Premeditando o Breque, entre outros.

PARTICIPAÇÃO MASSIVA NO CONEB

A UNE continua convocando todas as entidades estudantis para participarem massivamente no Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB), a ser realizado nos dias 16, 17 e 18 de julho em Belo Horizonte.

Em todo o país já se processam as discussões em torno da luta contra o reajuste nas refeições dos restaurantes universitários no segundo semestre e a defesa do ensino público e gratuito, e também sobre a necessidade da UNE conchamar os estudantes a votarem contra o PDS nas eleições de novembro. Assim, tudo indica que o CONEB estipulará que o Congresso da UNE seja destacado na defesa do ensino público e gratuito e contra o ensino pago e de apoio à oposição.

A participação do maior número possível de centros acadêmicos no CONEB de Belo Horizonte é de fundamental importância para o reforçamento da representa-

tividade da UNE e também para barrar a expulsão do presidente da entidade, pretendida pelo governo Figueiredo.

Cabe às Uniões Estaduais de Estudantes e aos Diretórios Centrais garantir essa participação das entidades de base, organizando as caravanas das várias regiões do país e discutindo em profundidade o temário do encontro.



Sônia Braga apresentará show para a UNE

Onze mortos na fábrica Elefante

Onze operários morreram com a explosão da fábrica de pólvora Elefante, na região metropolitana de Recife. O acidente ocorreu no dia 17 de junho, a violência foi tão grande que árvores foram arrancadas, casas destelhadas e o barulho se ouviu a 40 quilômetros de distância.

A fábrica ocupa uma área de 500 hectares e, segundo os peritos que foram analisar o acidente, não apresenta condições adequadas de trabalho.

Os patrões, como sempre, procuram diminuir a gravidade do acidente e tentam jogar a culpa nas costas do

trabalhador. O diretor financeiro da empresa afirmou que não haviam acidentes há 30 anos. Mas isso foi desmentido pelos jornalistas pernambucanos que denunciaram um acidente em ocorrido em 1972 e que causou duas mortes.

A população local denunciou que vários acidentes têm ocorrido, sem causar mortes. Os empresários argumentam que havendo pólvora no chão, qualquer atrito de um sapato pode causar um desastre. O que eles não dizem é que não dão valor para a vida humana. Se a indústria investisse em métodos modernos e seguros, seus lucros seriam menores, mas a vida dos trabalhadores poderia estar garantida.

Como já temos noticiado no Tribuna, o Brasil é um dos campeões nos acidentes de trabalho e nas doenças profissionais. Mas a partir da recessão que se desencadeou em 1981, as condições pioraram muito. Com a chantagem do desemprego os trabalhadores estão trabalhando nervosos e sob pressão violenta dos patrões. A reivindicação por melhores condições de segurança do trabalho é cada vez mais justa e sentida.



O setor de granulagem foi destruído pela explosão de mil quilos de pólvora.



Agora o Jardim Boa Vista, de Goiânia, pertence aos invasores, que o conquistaram na luta

Invasores vencem o terror e conquistam terra em Goiânia

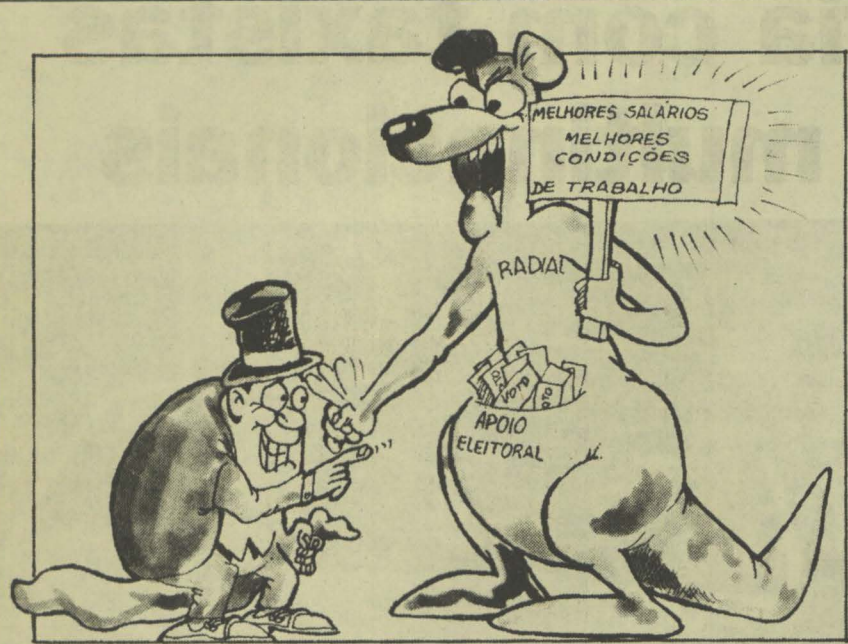
“Queremos esta terra, que não está sendo aproveitada, para plantar o que comer e ter um teto para nos cobrir”. Assim um dos moradores do Jardim Boa Vista, em Goiânia, justifica a presença de tantas pessoas naquela área, ex-invasão Caveira.

Foi devido à luta, persistência, coragem e sobretudo à necessidade de um pedaço de chão para construir um barraco para suas famílias que os moradores do mais novo bairro de Goiânia, o Boa Vista, conseguiram que o governo reconhecesse a necessidade de desapropriar a área. Mas ainda não se sabe de nenhum encaminhamento jurídico para desapropriar os 26 alqueires ocupados por cerca de 3 mil posseiros.

Para conseguir a posse do Jardim Boa Vista, os moradores enfrentaram o terror policial, que assassinou barbaramente o fotógrafo amador Joel M. de Oliveira, além do frio, a fome e o desconforto de dormir no chão depois de várias horas

capinando mato para construir barracos de lona e papelão.

Agora, além de manterem uma faixa no bairro com os dizeres “Companheiro Joel você não será esquecido”, os posseiros darão o nome de Joel à rua principal do Jardim Boa Vista, homenageando seu mártir e exigindo punição dos policiais assassinos. A curta história do bairro é exemplo de união e luta do povo por moradia. E uma vitória importante. (da sucursal)



Candidato do PDS em Contagem é explorador

O inescrupuloso Sebastião Drumond, candidato pelo PDS a prefeito de Contagem, é dono da "Radial Indústria e Comércio", que confecciona jeans "Flamer's" e diversas outras etiquetas caríssimas.

A grande aceitação de Jeans no mercado proporciona grandes lucros para os donos das fábricas. Mas ele não é suficiente para satisfazer a ganância do capitalista Sebastião, que para manter sua larga faixa de lucro apela para todas as formas:

Uma delas é a admissão de menores do sexo feminino como aprendizes de um curso fantasma. Sabemos que existe uma lei arbitrária que dá direito ao patrão de fichar o menor aprendiz com a metade do salário mínimo. Só que esta lei diz que além da licença especial da DRT, tem de existir um programa de aprendizagem conforme as normas do Senai. Mas este prazo não pode ser superior a 3 anos, e tem de ter a descrição do que vai ser ensinado. A DRT tem que fiscalizar o cumprimento deste programa e a carteira de trabalho tem que especificar que o menor está cumprindo um contrato de aprendizagem por tantos meses.

Mas acontece que esta lei não está sendo cumprida decididamente, pois assim que se inscreve, o menor começa a carregar pacotes

pesados para lá e para cá, por um período de 10 horas por dia e sem nenhuma oportunidade de pegar uma máquina para aprender.

Ainda por cima o Sebastião ambiciona a prefeitura de Contagem, com propaganda demagógica, dizendo que pretende ser um prefeito voltado para os interesses do povo. Perguntamos ao leitor: é possível um cidadão com tal comportamento ser um bom prefeito?

A **Tribuna** n.º 67 já denunciou esta exploração capitalista, mas o Sebastião ainda não criou vergonha. Como a denúncia teve grande repercussão, ele andou espalhando boato em toda a fábrica que iria pagar salário mínimo, o que não é mais do que sua obrigação. E os canais de televisão começaram a fazer propaganda da Radial, alegando que ela fornece comida para os "aprendizes" de graça. Mas o pessoal reclama da péssima qualidade da comida. Será possível que com toda essa exploração o Sebastião ainda teria coragem de cobrar a comida? Enquanto as autoridades competentes não tomarem as devidas providências, a **TO** continuará denunciando e o Sebastião Drumond poderá dar adeus às suas possibilidades remotas de ser prefeito de Contagem e explorar todo o município: (**Grupo de operárias menores da Radial — Contagem, Minas Gerais**).

Governo de Figueiredo só deu miséria ao povo

Quero aproveitar esse jornal para dizer que não acredito nas propagandas dessa ditadura militar. Tem um cântico que diz: "Escuto o rádio e fico cheio de alegria / quando se fala que a reforma vai chegar / Espero ano, espero dois e só se cria / falsos projetos prá poder nos tapear".

É pura certeza. O governo Figueiredo e os outros governos de 64 para cá só fizeram miséria. Venderam nossas riquezas, expulsaram o homem do campo, dívida externa de 62 bilhões de dólares, carestia, desemprego, etc.

Agora vem com a propaganda de que o povo vive bem com o golpe militar de 64. Não sabemos onde existe essas bondades. Será que esses mentirosos pensam que o povo brasileiro é doido, cego?



Garimpeiro expulso de Itatá

A Serra de Itatá é um garimpo localizado nas margens do rio Xingu, a umas 6 horas de barco da cidade de Altamira. A firma de mineração está expulsando os garimpeiros que lá trabalham há mais de 50 anos. Tem até pessoas que nasceram lá — afirma o sr. Severino Ferreira Pinto, um senhor idoso que trabalhou no garimpo e ainda tem um filho que trabalha lá.

A Polícia Militar está dando apoio à firma Oca. São PMs de Santarém. Há tempos atrás, a firma Oca fez

pesquisas na área e concluiu que não valia a pena explorá-la. Mas foi só alguns garimpeiros, depois de muito trabalho, descobrirem ouro para compensar seu esforço, que a Oca Mineração pensou em expulsar todos os 600 garimpeiros que trabalham na serra, apoiada por PMs armados de metralhadoras. Para provocar ainda mais os garimpeiros, a Oca fez o registro de exploração do subsolo quando eles já estavam lá. (**Leitor da TO em Altamira, Pará**)

Operário da Haupt quer acabar com a exploração

Tendo em vista a situação miserável e exploradora em que a classe operária brasileira atravessa, a firma **Haupt**, como inúmeras outras, chantageiam, exploram, perseguem e cometem injustiças monstruosas contra seus empregados. A firma faz questão de pagar atrasado e se alguém reclama está sujeito a ser mandado embora.

É constante ouvirmos dos encarregados de seções, que se alguém não está contente com o sistema é só falar, porque existem milhares de pessoas

desempregadas, desesperadas para trabalharem por um salário menor do que o nosso.

Muitas vezes, sinto como se estivesse em um país estranho, abandonado, como se o meu trabalho, o meu empregador estivesse fazendo um grande favor à mim, sendo que o salário que recebo não dá nem para alimentar a minha família.

Se já não bastasse a grande e monstruosa exploração que pratica a nossa empregadora Haupt, existe nessa firma um grupo de funcionários melhor assalariados, que emprestam

dinheiro aos menos favorecidos, cobrando 1% ao dia do valor emprestado. Participam como sócios proprietários dessa caixinha, desde encarregados até gerentes a nível de diretoria.

Encerrando esta, quero deixar o meu apelo ao trabalhador em geral para que unam-nos para acabar o mais breve possível com esta escravidão que os nossos patrões e a burguesia impõe sobre os nossos ombros e de nossos filhos. (**Um dos escravos da Haupt — São Paulo, SP**)

Operário de Itu cobra coerência de Mitterrand

Os trabalhadores da Brasilit (mais de mil), no pequeno município de Capivária, São Paulo, estão revoltados.

Primeiro, a fábrica retirou o feijão, instituindo a soja como alimentação básica para os operários. A radical mudança dos hábitos alimentares contrariou profundamente os trabalhadores, mesmo porque "nós pagamos pelo que comemos", afirma Joel, um dos empregados da firma.

A Brasilit (cuja matriz está na França), além de promover a rotatividade da mão de obra, pagando assim menores salários aos empregados no-

vos, encontrou agora outra fórmula para amedrontar os trabalhadores: em cada setor da firma, onde havia 3 empregados, ficaram só 2. O outro foi prá rua. E os 2 que sobraram são forçados a dar a mesma produção, sob pena de dispensa por "justa causa".

Como a Brasilit é de origem francesa e o atual governo daquele país é "socialista", o advogado dos trabalhadores, Lázaro José Piunti, após várias reuniões com os operários, teve a seguinte idéia, aprovada pela Comissão de Fábrica: "Vamos fazer um memorial, encaminhando-o ao presidente da França, para

denunciar todas as agressões do grupo francês contra os trabalhadores brasileiros em Capivária".

Segundo o presidente do Sindicato, João Marciano, "a Brasilit se nega a qualquer discussão sobre os direitos dos trabalhadores franceses da Matriz em comparação com os operários da filial em Capivária. Por isso, vamos cobrar de Mitterrand uma posição coerente, já que ele é socialista". Caso a teimosia da Brasilit persista, não está afastada a possibilidade de uma greve geral dos empregados para os próximos dias. (**J.P. - Itu, São Paulo**)



Trabalhadores de transporte em Manaus estão revoltados

Os passageiros de ônibus de Manaus reclamam pelo maltrato que recebem por parte das empresas coletivas. Andam em ônibus caindo aos pedaços, superlotados e que muitas vezes não os deixam nas paradas.

Nós, motoristas e cobradores, queremos também contar a nossa insatisfação. Trabalhamos na Empresa Manaus de Transporte Coletivo (EMTC). Recebemos ordem do sr. Nilson, diretor da em-

presa, de cumprir o horário sem se importar com os passageiros. Somos obrigados a fazer horas extras, mesmo sabendo que no final da semana não receberemos estas horas. O que vem acontecendo aqui na EMTC é que somos roubados em 4 ou 5 mil cruzeiros todas as semanas.

São estes e outros motivos, como as péssimas condições de trabalho, que nos levam ao nervosismo e às vezes a atritos com passageiros. Mas o pior

de tudo é que estas questões foram levadas ao Sindicato, que não tomou providências por ser comprado pela empresa.

Apelamos a quem de direito para que nossa situação seja resolvida. A empresa continua demitindo gente por "justa causa" todos os dias. Por qualquer motivo os funcionários são colocados no olho da rua. (**Motoristas e cobradores de Manaus, Amazonas**).

Rodoviário denuncia aumento ilegal de ônibus em Caxias

Trabalho na Auto Viação Regina Ltda. Aqui a direção da empresa está fazendo o que bem entende. No dia 2 de junho houve um aumento das tarifas, aliás ilegal. Houve cobrador que teve de assinar vales até de 1700 cruzeiros, que veio descontado no pagamento. Isso porque o aumento pegou todo mundo de surpresa e aqueles humildes operários que vêm com a conta certa da passagem não podiam fazer nada. Com isso, quem pagou o pato foi o cobrador.

A empresa não devolveu o dinheiro aos poucos que pagaram a passagem e nem tampouco foi multada pelo Estado.

A direção da Auto Viação Regina contratou um fiscal do tamanho de um gorila que está infernizando a vida dos funcionários, pois cada comunicação que ele faz de um funcionário este fica afastado logo de dois a 3 dias de serviço, prejudicando assim o pobre do motorista ou cobrador. Eles são casados em sua maioria, com famílias numerosas para sustentar. Aí acaba acontecendo como um caso que eu presenciei, de um cobrador casado que recebeu 890 cruzeiros.

Além disso, os motoristas são obrigados a pagar as peças de ônibus que que-

bram, se não são mandados embora sem direito a nada, com o Fundo de Garantia em Código 18, como mau funcionário. Aqui eles cobram por um retrovisor 280 cruzeiros. Tem um motorista pagando um bengala quebrado por 14 mil cruzeiros. Um amassado fica de 3 a 7 mil cruzeiros. Realmente a coisa aqui está preta.

Aproveito esta para mandar meus cumprimentos ao pessoal da Coferaz e da Comcelat. Também estou com Javiera não abro pois o lugar dele é aqui, pois ele é tão brasileiro como a gente. (**Rodoviário de Duque de Caxias, Rio de Janeiro**).



fala o POVO

Nesta edição, destacamos a denúncia do leitor de Contagem sobre a super-exploração que o dono da Indústria Radual, candidato a prefeito pelo PDS, faz aos operários. Importante também a iniciativa dos operários da Brasilit em Itu, que resolveram exigir do presidente da França, o "socialista" Mitterrand, o fim da exploração dos trabalhadores por empresas francesas. Também no Brasil os operários vão percebendo que as propostas da social-democracia não acabam com o capitalismo. Pelo contrário, só servem para iludir aos trabalhadores com o seu falso socialismo, onde o enriquecimento e os privilégios dos exploradores continuam, e a miséria de grande parte da população também permanece. De Esperantinópolis vem a queixa de um lavrador, contra a demagogia do governo Figueiredo sobre a distribuição de títulos de posse de terra, sem fazer a reforma agrária. É por essas denúncias de trabalhadores das cidades e do campo que esta seção continua sendo uma das mais lidas da **Tribuna Operária**. Continuem escrevendo. Aqui quem fala é o povo!

Vale do Rio Doce despreza direitos dos trabalhadores

Trabalhei como operário da Cia. Vale do Rio Doce desde 1956. Por motivo de "memória fraca", devido ao barulho excessivo da máquina, já que eu trabalhava como escavadorista, fiquei doente em 1969. Nesta época, fui internado no Hospital Psiquiátrico André Luzi, em Belo Horizonte. Em 4 de abril de 1971 piorei novamente. Desta vez fiquei bastante ruim e fui internado na Clínica Pínel.

Por estar internado, não pude assinar o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, porque a Cia. Vale do Rio Doce me impediu. Desta maneira fiquei sem nenhuma assistência. O mais absurdo é que em 1974 fui aposentado, sem saber que estava sendo aposentado por invalidez.

Por ocasião da minha aposentadoria procurei o advogado do sindicato Metavase aqui de Itabira, mas nada foi resolvido. Nós, operários, que construímos toda a riqueza que a Vale do Rio Doce possui hoje, somos desprezados e temos nossos direitos desrespeitados.

(**J.C.G. — Itabira, Minas Gerais**).

Prefeito do PDS deixa indignado o povo de Piraquara

Nós, os moradores de Piraquara, estamos indignados com o atual prefeito do PDS e com a situação de abandono do nosso município. É só chover que muita gente fica impedida de sair de casa devido à falta de asfalto. Valetas entupidas; falta de saneamento básico, coleta de lixo; terrenos baldios tomados pelos ratos, moscas e lixos; passagens de ônibus aumentando freqüentemente são alguns dos graves problemas que afligem o povo.

Na Vila Maria Antonieta, Vargem Grande, Vila Amélia, Jardim Risópolis, Jardim Primavera e Pinhais, por exemplo, não existem creches municipais. Isto obriga mães a viajarem e trabalharem com os próprios filhos. Um caso comovido é o de uma senhora que possui três crianças, de 2 a 4 anos e que trabalha como diarista em Curitiba, tendo que levá-las ao trabalho e ganhando um salário miserável.

Ao invés de resolver esses problemas, a prefeitura fica cobrando impostos absurdos, não satisfazendo as necessidades do povo. Isto que hoje acontece conosco, está ocorrendo em outros municípios do Paraná e do Brasil. Temos que seguir o exemplo de outras cidades do país. Temos que nos unir e organizar Associações de Moradores para reivindicarmos junto aos órgãos públicos melhores condições de vida em nossos bairros e vilas. Temos que pôr um ponto final nesta administração incompetente e antipopular do prefeito do PDS e de seu grupo.

(**Cidadãos de Piraquara, Paraná**)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A ligação banco indústria

A concentração do capital e a formação dos monopólios conduz ao crescimento dos bancos e ao entrelaçamento entre os bancos e as indústrias, formando o chamado capital financeiro.

O papel inicial dos bancos é de intermediário. Os empresários recebem seus lucros por partes, de acordo com o ritmo da produção e da venda de suas mercadorias. Mas para ampliar ou modernizar sua indústria, precisam de uma quantidade mínima de capital para investir. Enquanto este dinheiro ainda insuficiente fica parado em suas mãos, outros empresários estão ansiosos para fazer investimentos de imediato. O banco reúne estas parcelas de capital inativo, junto com outros inúmeros pequenos capitais e com o dinheiro de trabalhadores que depositam parte de seus salários, e colocam essa enorme quantidade de dinheiro nas mãos dos capitalistas. Cobram juros por este serviço, ficando assim com uma parte da mais-valia arrancada dos operários pela exploração capitalista.

CAPITAL FINANCEIRO

Com o desenvolvimento capitalista, os bancos acabam controlando a situação financeira de grande número de empresas e através dos mecanismos exigidos para conceder créditos, exercem grande pressão sobre os industriais. Aos poucos passam a investir capitais diretamente na produção. Os bancos se tornam capitalistas industriais. Os diretores de banco se tornam diretores das indústrias também — e vice versa. Esta fusão banco-indústria acelera o processo de concentração do capital e a formação de gigantescos monopólios.

O empresário José Ermírio de Moraes, que dirige o maior grupo monopolista brasileiro — o Grupo Votorantim — com capitais no setor de cimento, metalurgia, tecidos, energia elétrica e outros, é também membro da direção do Banco Mercantil de São Paulo. Luis Eulálio Vidigal, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) é também um dos diretores do Banco Mercantil. Paulo Vilares, dos monopólios Vilares da indústria mecânica e siderúrgica, faz parte da direção do Chase Manhattan Bank, o 3º maior dos Estados Unidos. O próprio general Golbery, além de pertencer à direção da Dow Química, é diretor do Banco Cidade de São Paulo, ligado a um grupo suíço. No Brasil, por ser um país dependente, é marcante a vinculação das empresas e bancos com os capitais internacionais. O capital financeiro no país é predominantemente estrangeiro.

AS MULTINACIONAIS

Os bancos interligados aos monopólios industriais passam a controlar a quase totalidade do dinheiro empregado na produção capitalista. Seu domínio vai muito além da indústria e se estende por todos os ramos empresariais, na agricultura, comércio, transportes. Passam a controlar a maior parte dos meios de produção e as fontes de matérias primas de um país e mesmo de vários países. O Grupo Financeiro Rockefeller, dos Estados Unidos, tem um capital superior a cem bilhões de dólares e controla empresas em praticamente todos os países do mundo, em todos os setores de atividade, desde a produção de sementes até petróleo. Entre outras, este grupo controla a ESSO, que é a maior empresa do mundo.

EXPLORAÇÃO REDOBRADA

Com a formação do capital financeiro, a burguesia se concentra ainda mais e acentua brutalmente a exploração e a opressão sobre a classe operária. Os operários de cada empresa tem que lutar não apenas contra o patrão local, mas contra um grupo nacional e internacional. A seguir, a exportação de capitais e a disputa dos monopólios para o controle do mercado mundial.

Concurso de poesias e músicas sobre a luta do povo de El Salvador

A Rádio Venceremos, emissora clandestina da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional de El Salvador (FMLN) abriu inscrições para um concurso de poesias e músicas que abordem a luta revolucionária do povo salvadorenho. Já foram inscritos mais de 200 trabalhos poéticos e musicais de El Salvador, Nicarágua, México, Cuba, Estados Unidos, França, Alemanha Federal, Moçambique e Brasil.

O júri internacional que escolherá os melhores trabalhos será integrado por intelectuais do Panamá, México, Chile, Cuba, Haiti e Uruguai. Os trabalhos vencedores terão o reconhecimento simbólico da FMLN e serão difundidos através da Rádio Venceremos. As inscrições podem ser realizadas enviando-se os trabalhos para a sede da Salpress, Cidade do México, Insurgentes, Centro, 125, Edifício B, Despacho 303, México DF; ou Comim, apartado Postal 2363, Telcel los Escombros, Manágua, Nicarágua.

BRASIL CONTINUA FAVORITO



Des gols comemorados em apenas três jogos, podemos ainda melhorar a média.

Foldore da Copa

Caracas, Venezuela, 1969. Nas disputas das eliminatórias do Mundial de 1970, jogávamos no Estádio da Universidade Nacional da Venezuela, ocupada pelos estudantes em luta contra o governo de Rafael Caldera, patrocinador de ampla caçada às lideranças populares do país.

João Saldanha, cronista esportivo, foi convocado às vésperas da campanha para dirigir a seleção. Com pouco tempo para preparar o time, Saldanha convocou Gérson, Tostão e Rivelino e

montou o restante da equipe com jogadores do Santos, o melhor time do Brasil na época. Mais tarde, mesmo tendo passado com brilhantismo pelas eliminatórias, Saldanha perderia o comando técnico da seleção por não se dobrar às pressões do general Médici.

Terminado o primeiro tempo, o placar ainda marcava empate de zero a zero. O Brasil jogava com muito desânimo, debaixo de uma garoa insistente e não vencia sequer o "grosso" zagueiro central venezuelano. Saldanha, irritado com o desleixo do time, fechou as portas dos vestiários: "Para jogar contra esses picaretas vocês não precisam de instrução. Façam o que sabem fazer, sem corpo mole".

Ensopados, depois de quinze minutos de chuva, o nosso time voltou a campo. Goleou os venezuelanos por 5 a 1. No final do jogo, Saldanha foi o primeiro a correr para abrir as portas dos vestiários. (JM)



Poesias publicadas na Tribuna foram analisadas na USP

O professor Joseph Luyten realizou uma pesquisa sobre a poesia em jornais populares, e concluiu que a maior parte dos poemas publicados na sessão "Fala o Povo", da Tribuna Operária são de boa qualidade. A pesquisa faz parte do Curso de Pós-Graduação da Universidade de S. Paulo.

Segundo o professor Luyten, "a poesia popular perdeu seu lugar de primeira mão informativa para o rádio e a televisão. Mas ela ainda serve como elemento de reforço para aquelas informações julgadas importantes pelo homem do povo". O professor levou para os poetas populares João Antonio de Barros e José Francisco de Souza poemas publicados em "O Povão", de Recife; "O inimigo do Rei", de Salvador; "O Desafio", jornal interno da empresa Camargo Correia no Pará; e "O Companheiro", "Em Tempo", "Hora do Povo" e Tribuna Operária, editados em São Paulo. Luyten destaca que os dos últimos jornais receberam "ênfase especial" pela sua circulação nacional "e sua definida e forte militância política".

POEMAS BONS

Na pesquisa foram analisados 32 poemas publicados em 60 edições da Tribuna e 33 publicados em 122 edições do "HP", de onde o professor concluiu que "proporcionalmente a Tribuna apresenta maior número de poemas/edição do que a 'HP'". Para os poetas, 28 dos poemas publicados no "HP" eram "ruins", 4 "bons" e 1 "muito bom". Já dos publicados na Tribuna 14 eram "ruins", 17 "bons" e 1 "muito bom" (extrato do poema considerado muito bom, ao lado). Os poemas foram analisados baseando-se "exclusivamente em elementos poéticos", sem considerar o conteúdo.

O professor Luyten considerou a difusão de poesias nos jornais populares indicativo de "seu sincero desejo de atender aos anseios populares de manifestação cultural; o fato de que a poesia popular

Poeta fala da União Metalúrgica

Sou nordestino e me encontro na cidade do metrô olhando as maiores grandezas que o pessoal me falou vi bastante exploração de fazer tristeza e dor.

Cansei de ver tanta coisa corrupta neste torrão em cima da classe pobre que faz toda a produção e a ditadura dizendo que isto é civilização

Já que mostrei estes dados pretendo agora mudar seguir um outro roteiro pro povo não se enfiar falar da classe operária o que pude observar.

Com a classe metalúrgica fiquei muito admirado troquei idéias com eles pra poder ser informado vi grande simplicidade na grande massa explorada.

Nós precisamos depressa unir as categorias do povo trabalhador que os ricos não aprecia e trocar a ditadura por uma democracia.

Prá nós ter mais garantia vamos primeiro lutar por um sindicato forte que possa a classe ajudar sem medo de perder cargo e firme sem vacilar

(João Coqueiro, maranhense)

está ainda bastante viva, inclusive nas grandes cidades do centro-sul, ser a poesia popular (ou não) ainda veículo preferido de muitos para a manifestação de suas idéias, e tendo em vista o grande número de colaborações de lugares como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (Belo Horizonte), há uma tendência muito grande de urbanização da poesia popular."

Também na segunda fase o nosso time continua favorito. Fizemos a melhor campanha na fase inicial, ganhando todas as partidas, e fomos os primeiros a garantir a classificação, a exemplo do que ocorreu nas eliminatórias. Não será tarefa fácil vencer os argentinos e os italianos. Porém, a nossa seleção também não será derrotada sem muita resistência, principalmente pelas fracas campanhas de nossos adversários.

Apesar das "zebras", que no início da Copa assustaram muita gente, a segunda fase do torneio não apresenta grandes surpresas. Os principais favoritos conquistaram a classificação e somente agora é que realmente os verdadeiros candidatos ao título terão oportunidade de exibir suas virtudes.

Muitas decepções aconteceram na fase inicial, começando pela Alemanha, que perdeu inexplicavelmente a primeira partida para a Argélia, autêntica "debutante" em Copas do Mundo. A Argentina também enfrentou muitas dificuldades para não ser eliminada em seu grupo, somente conseguindo a classificação na última rodada. E a Itália escapou da eliminação pelo último critério antes do sorteio — permaneceu no campeonato por ter marcado dois magros gols, que bastaram para encerrar a campanha da seleção de Camarões, que somente marcou um. A classificação da Itália, no fim, teve o gosto de quem ganha o vice-campeonato num torneio disputado por dois times.

ACERTAR O CAMINHO DA VITÓRIA

São esses os adversários do Brasil na próxima fase. Um safou-se milagrosamente pelo critério do número de gols anotados e o outro selou sua presença no mundial com uma vitória sofrida sobre El Salvador, que se não fosse o jogo de interesses da FIFA, jamais participaria de uma Copa do Mundo até à fase final.

De nossa parte, ainda estamos por encontrar o caminho da vitória segura e condigna com a tradição e a história do nosso futebol. Conquanto, o nosso

ataque tenha feito dez gols e sofrido apenas dois em três jogos, ainda restam temores e desconianças com a nossa defesa e com a estruturação do "quadro" de meio campo. Zico reclamou, depois da segunda partida, a presença de seus companheiros de meia cancha no revezamento pelo setor direito. E no jogo contra a Nova Zelândia o que se viu foi uma correria confusa por ali, sobrando para Leandro os principais espinhos das falhas táticas do time, uma vez que foi ele quem teve mais presença nas penetrações pela direita, ainda que falhando na maior parte delas.

LIBERDADE PARA O ATAQUE

Por outro lado, o excesso de talentos no setor de armação de nossa equipe não tem sido compensado com o futebol que eles podem apresentar. Até aqui, pelo menos, o máximo que tivemos foi um belo gol de cada um deles — Falcão contra a Escócia, Sócrates no jogo com a União Soviética e a meia-bicicleta irreparável de Zico nas redes neozelandesas.

O nosso time se ressentiu, e isso é visível para todos, de maior rapidez e liberdade para o ataque, posto que poder de finalização não falta, como prova a qualidade dos gols já anotados. Serginho não pode sair, pelo seu jogo de movimentações e toques de primeira, mas também não pode permanecer isolado na área inimiga. Paulo Isidoro já demonstrou largamente que com sua presença os armadores se sentem mais à vontade para acionar o jogo pelo lado direito. Telê terá que enfrentar esse dilema: sem Paulo Isidoro e Serginho não teremos grande eficiência no ataque, mas para isso é preciso escolher entre Sócrates, Falcão e Zico para a "cerca", mesmo que por apenas meio tempo.

Dificilmente deixaremos de estar entre os quatro semi-finalistas. Contudo, estamos sendo privados de mais uma exibição da arte e da magia do nosso futebol por questões táticas. Telê tem condições e autoridade profissional para resolvê-las.

O mundo aguarda com água na boca e o Brasil confia no futebol que só nós podemos exibir. Que nos desmintam, pelas esquinas da cidade, os vendedores de bandeiras, camisas e rojões. (Jessé Madureira)



Tenentes revoltosos do Forte Copacabana marcham em direção às forças governistas



Epopéia heróica dos 18 do Forte

Na madrugada do dia 5 de junho de 1922, um pequeno grupo de soldados e oficiais do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, iniciou um movimento armado que desencadeou um longo processo de pronunciamentos militares que ficou conhecido, na história política brasileira, como tenentismo. Esse episódio passou à história como o levante dos 18 do Forte — embora, na verdade, segundo um de seus sobreviventes, fôssem apenas 12 as pessoas envolvidas — onze militares e um civil.

O levante estava programado para eclodir em vários pontos do Rio de Janeiro. Entretanto, as adesões falharam. Isolado, o pequeno grupo de revoltosos do Forte de Copacabana resolveu, mesmo assim, marchar contra o palácio do Catete, que era a sede do governo. Rastaram uma bandeira do Brasil e distribuíram entre si, simbolicamente, seus pedaços e saíram, pela praia de Copacabana, ao encontro das forças legais. Eles

não caminharam muito. Cercados, não acataram a ordem de render-se, abrindo-se, em consequência, um tiroteio entre as duas forças. No fim da batalha, apenas dois dos heróis do forte sobreviveram, com graves ferimentos — os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes.

Embora derrotados, os 18 do Forte abriram, com seu sangue, uma série de lutas contra o sistema político então vigente no Brasil, culminando na revolução de outubro de 1930, que derrubou a República Velha, dominada pelas oligarquias estaduais. O movimento tenentista atuou até 1934 e, entre seus fatos marcantes destaca-se a Coluna Miguel Costa-Prestes.

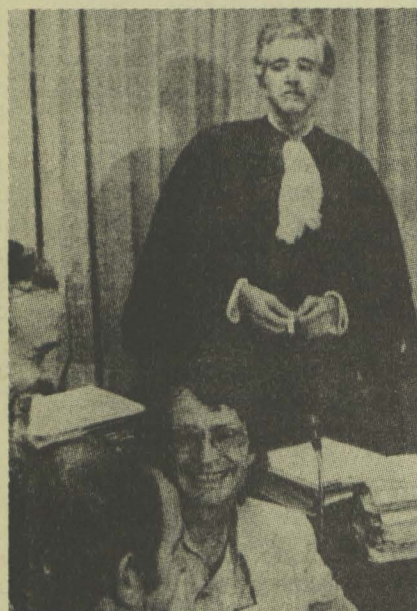
FALTA DE PROGRAMA

A rigor, os "tenentes" não tinham um programa político muito claro. Eles sentiam grande descontentamento com a política do governo federal, que favorecia as oligarquias estaduais, principalmente os fazendeiros de café de São Paulo. Propunham uma maior centralização do Estado, uma uniformização

da legislação e do sistema tributário e o voto secreto. Além disso, muitos deles achavam que bastava simplesmente um "governo honesto" para resolver os graves problemas sociais, políticos e econômicos que o Brasil enfrentava, sem atentar para o fato de que esses problemas decorriam da estrutura de classes existente e do domínio exclusivo do país por um pequeno grupo de latifundiários que monopolizavam a maior parte das terras disponíveis.

A falta de um programa que unificasse o movimento ficou clara depois da revolução de outubro de 1930, quando os "tenentes" dividiram-se em três grupos de orientação completamente distinta. Uma parte deles aderiu ao governo chefiado por Getúlio Vargas. Outra parte aderiu ao integralismo, um movimento de caráter fascista que desenvolvia-se então. Finalmente, uma parcela importante, como os tenentes Luiz Carlos Prestes, Trifino, Correia e Agildo Barata aderiram ao comunismo, filiando-se ao Partido Comunista do Brasil. (Carlos Henrique).

Exército força condenações em Belém



Repercutiu contra o governo a condenação dos padres Camio e Goriou e de 13 posseiros, na madrugada do dia 22 em Belém do Pará. As penas absurdas impostas pelo Exército, de oito a 15 anos de prisão, e a operação de guerra montada na cidade revoltaram a população. E reabriram o conflito entre o regime e a Igreja, que condena a Lei de Segurança e a Lei dos Estrangeiros.

A condenação do padre Aristides Camio a 15 anos de prisão, Francisco Goriou a 10 anos e dos posseiros a oito e nove anos coroou um processo grotesco e arbitrário. Poucos acreditavam na absolvição, dado o caráter fascista da Lei de Segurança Nacional. Mas não se esperava penas tão elevadas, mais ainda num ano eleitoral, em que o

O padre Camio (de óculos), condenado a 15 anos, e o sítio da igreja

PDS paraense já foi batizado de "Perdeu Essa".

Desde o início do processo o regime colocou em julgamento, de fato, o direito dos agricultores defenderem suas posses. E o resultado só poderia ser a negação deste direito sagrado do homem do campo.

No dia do julgamento usou-se um aparato repressivo como há muito tempo não se via em Belém.

Desde a véspera, praticamente todo o contingente policial da cidade — mais de 2 mil soldados — ocupou as imediações do prédio onde funciona a Auditoria Militar e os locais onde estavam programadas manifestações pela libertação dos presos do Araguaia. Um helicóptero a 8ª Região Militar sobrevoou todo dia a cidade.

"Tem mais soldado que nas Malvinas" diziam as pessoas

"Tem mais soldado aqui do que nas Malvinas"; "É a ditadura"; "É o julgamento dos padres" — comentavam as pessoas que passavam pelo centro da cidade, ao ver o número de policiais, cães e cavalos.

A tensão estava no ar. A 8ª RM e a Secretaria de Segurança emitiram nota proibindo qualquer manifestação, para que pudesse ser feita "justiça sem pressões". Enquanto isso o Exército e a polícia exerciam pressão direta e deslavada para forçar a condenação, mesmo passando por cima das próprias leis atuais.

Apenas 30 pessoas poderiam entrar na Auditoria para assistir ao julgamento. Desde a véspera, uma fila improvisada esperava por estas vagas, e no entanto mais da metade foi ocupada por agentes policiais. Sobraram uns dez lugares, o que indignou os que estavam na fila, na maioria posseiros de Conceição do Araguaia.

A igreja das Mercês foi sitiada por policiais e cães

Os manifestantes dirigiram-se ao Largo da Trindade, mas logo chegou também a polícia, apreendeu um caminhão com o aparelho de som, rasgou as faixas. Mais de mil pessoas tiveram de se refugiar na Igreja das Mercês, literalmente sitiada por soldados e cães. Nin-



Cavalos da polícia no monumento da praça da República; o povo não gostou

guém podia entrar, muitos que saíam eram revistados, a água foi cortada. Um cão atacou e feriu duas pessoas.

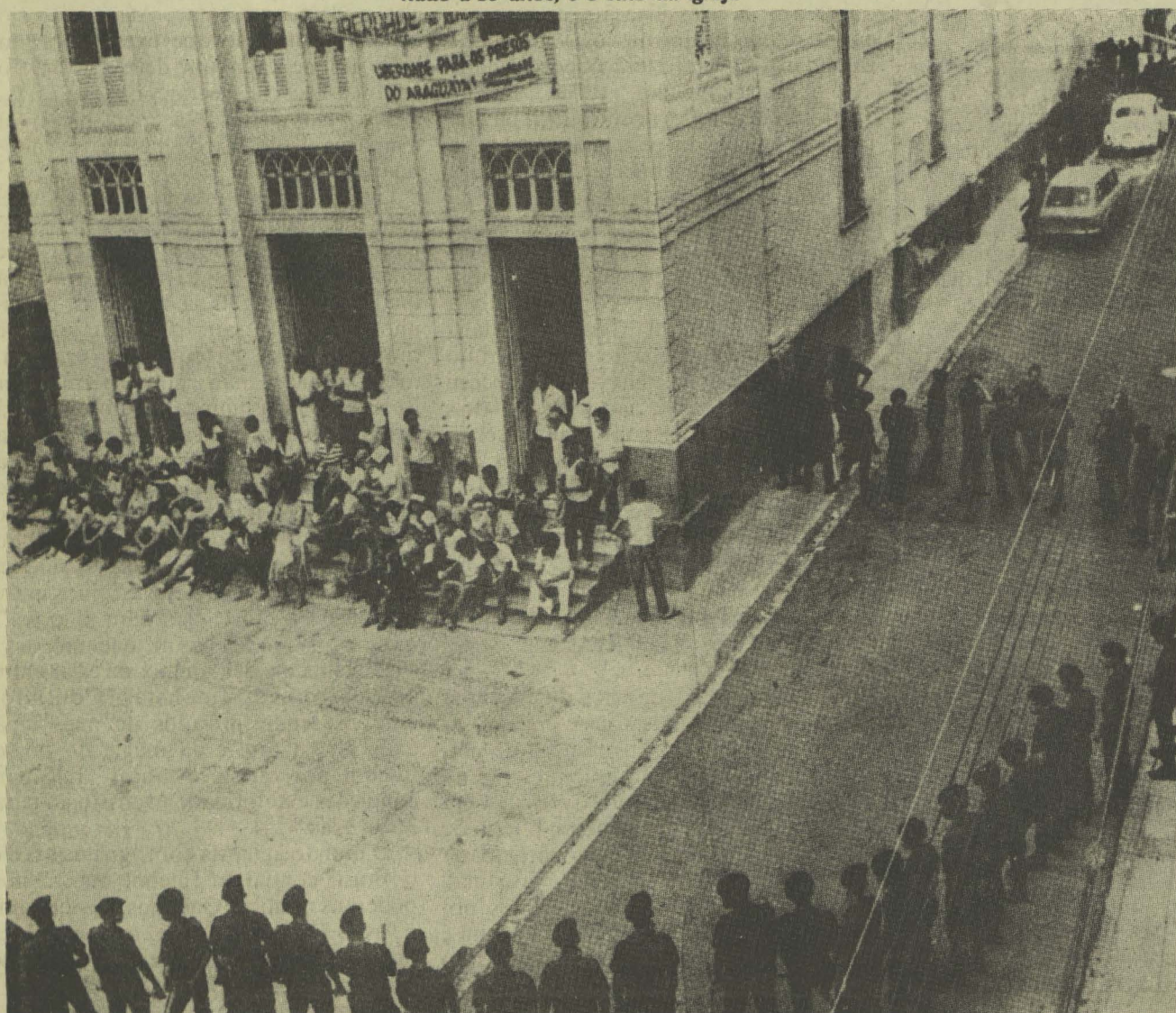
Em outra praça, onde ensaiou-se uma nova manifestação, ocorreram cerca de dez prisões, entre estudantes, professores e padres, algumas delas violentas, com a polícia agredindo os presos.

No final da tarde, alegando que os manifestantes estavam cansados, famintos e sedentos, a direção dos manifestantes que se achavam na igreja resolve dispersar e negocia com a polícia a evacuação do templo. Mas muitos manifestantes manifestaram o desejo de permanecer ali enquanto durasse o julgamento, ou até a suspensão do cerco.

Diante da ação da Polícia Militar, em tese subordinada ao

governo do Estado, comenta-se que Dom Zico, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belém, procurou o governador Alacid Nunes para que este fizesse cessar a repressão. Alacid teria declarado que nada podia fazer, porque a polícia estava sob o comando da 8ª Região Militar. Correu também a notícia de que a intervenção no Estado estava por um fio.

Após as pesadas condenações, os posseiros de Conceição do Araguaia que acompanhavam o julgamento declararam que o pouco de confiança que ainda havia neste governo se acabava de vez. Foi convocado para o dia 25 um ato de repúdio à condenação, em São Geraldo, município de Conceição do Araguaia. (Newton Miranda, pela sucursal)



Um operário brasileiro na Albânia

Arnaldo Alves, operário metalúrgico de São Paulo acaba de regressar da Albânia socialista, onde participou como convidado do 9º Congresso das Uniões Profissionais — os sindicatos albaneses. Recebido "como um ministro" pelos operários albaneses, que estão no poder há 37 anos, ele viu de perto como se vive e se trabalha no socialismo. Visitou fábricas e cooperativas agrícolas. Assistiu a uma rebaixa dos preços de 130 artigos de primeira necessidade. Torceu pelo Brasil, junto com os albaneses, na Copa do Mundo. E presenciou os debates do Congresso.

Dois dias depois de voltar, ele relatou à *Tribuna Operária*, em entrevista exclusiva, suas impressões sobre o socialismo albanês.

TO: Qual foi o seu primeiro contato com a Albânia?

Arnaldo: O primeiro de todos foi ainda no aeroporto de Roma. Eu nunca tinha saído do Brasil, não conhecia nada da cidade, mas lá estava um cidadão da embaixada, com um cartaz escrito "Albânia". Pegou minha mala, me levou de carro... E apresentou-me ao embaixador, o Piro Biti — um sujeito muito simpático, ex-guerrilheiro e bastante bem informado sobre o Brasil, que foi logo me perguntando sobre as coisas daqui.

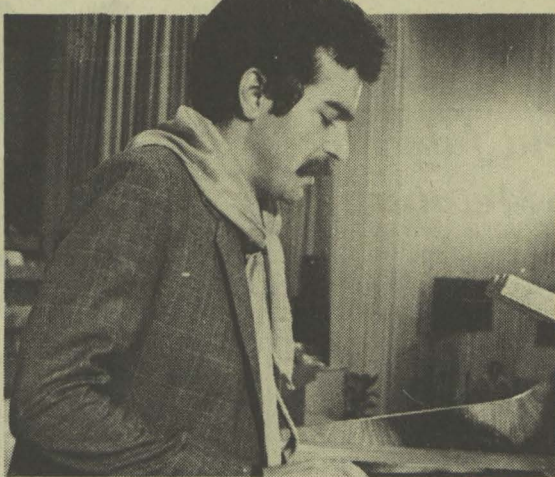
"Eu, simples operário, tive tratamento de ministro de Estado"

No dia seguinte voamos para Tirana, eu e várias delegações sindicais, de Portugal, Dinamarca, Azânia, Zimbábue, Canadá. Quando o avião parou, quem subiu primeiro foi um soldado, o que não deixa de causar susto num brasileiro como eu. Mas lá os soldados são nossos. E embaixo, tinha um monte de crianças, com flores na mão, para abraçar a gente.

A verdade é que nós, simples operários, tivemos um tratamento de ministro: motorista, tradutora e até segurança! Só que, lá, isto não significa ficar longe do povo. O local onde ficamos, por exemplo, é um ótimo hotel. Mas é comum você encontrar ali famílias camponesas...

TO: O que lhe causou maior impressão?

A maior emoção foi já no Congresso, quando chegou o Enver



Líder metalúrgico e popular

Arnaldo Alves, 29 anos, é paulista de Osvaldo Cruz, filho de nordestinos e com casamento marcado para o mês que vem. Aos nove anos já trabalhava, no cabo da enxada, ajudando o pai que plantava de meia. Aos 15 veio para São Paulo com a família e foi vendedor de sorvete, engraxate, carregador de feira, balconista, office-boy, até que, em 1970, tornou-se metalúrgico, na indústria Bom Clima, na Barra Funda.

Arnaldo começou a atuar desde cedo num grupo de jovens do bairro de Burgo Paulista, Zona Leste, que fazia um jornalzinho. Em 1977 sindicalizou-se, e no ano seguinte lançava-se como

liderança do Movimento Contra a Carestia, que recolheu em São Paulo mais de um milhão de assinaturas pelo congelamento dos preços. Nas duas greves metalúrgicas de 1978 puxou a paralisação na sua fábrica, e na paralisação de 1979 foi escolhido para o comando de greve. Firme adversário do peleguismo sindical, participou da chapa União Metalúrgica, em 1981, e foi eleito em assembleia como delegado da sua categoria à Conclat. Agora, foi indicado por seus companheiros de classe para candidatar-se a vereador, pelo PMDB, representando os setores populares do maior município brasileiro.

"Você vê todo o povo falar que o segredo do sucesso é o PTA"

Você vê o povo falar que o segredo do sucesso que eles tiveram é o partido, é o marxismo-leninismo, é a orientação correta — e é o Enver, enquanto dirigente do partido. Isto eu ouvi muitas vezes, dito de várias formas, por membros do PTA e também por pessoas que não são comunistas, gente "sem partido", como eles dizem. "Sem partido", mas que está sempre com



Arnaldo (acima) conta aos 3 mil delegados sindicais albaneses como vive e luta a classe operária brasileira

o PTA, de maneira consciente, e não abre.

TO: Fale um pouco mais do povo albanês. Como é?

A:O povo no geral é muito alegre, brincalhão. Gostam de cantar e cantam muito bem, entoado. Tocam muita sanfona, clarinete, e dançam bastante também. É um povo bem aberto, nisso parece com o brasileiro.

A nova geração é mais forte, mais alta, corada, cheia de saúde. Dá para notar a diferença. É a geração que nasceu depois da libertação do país, na fase de construção do socialismo — "os anos do partido" — como eles costumam dizer. A comida, pelo que eu pude ver, é boa, e muita.

TO: E o congresso dos sindicatos, como foi?

A:Eu cheguei no dia 2 de junho e o congresso começou dia 6, num grande salão, em Tirana mesmo. Havia ali uns 3 mil delegados, 70%

operários, todos eleitos em assembleias, nas fábricas, empresas, fazendas.

"O povo tem orgulho de tudo que conseguiu no regime socialista"

O presidente das Uniões Profissionais, Rita Marko, deu um informe, falaram as delegações estrangeiras — umas 25 — e depois cada delegado falou também. A gente percebia que eram trabalhadores e percebia também que era gente bem preparada teoricamente.

Como o país é socialista, a classe operária está no poder e não existem mais exploradores, as intervenções se concentram na prática de aplicação do plano quinquenal, de desenvolvimento da economia e da cultura. Os companheiros que trabalham na extração do petróleo, por exemplo, anunciaram que foi

superada a meta de aumento de 35% na produção, em 18 mil toneladas. Hoje os albaneses são auto-suficientes em matéria de petróleo e ainda exportam o que sobra.

A gente notava pelos delegados que o povo está orgulhoso do que conseguiu. E eu notei que, para escolher um diretor de fábrica, por exemplo, eles escolhem justamente o mais arrojado, o que mais empurra as coisas para frente. E há também o outro lado: se um diretor ou técnico comete erros, os operários convocam uma assembleia e exigem uma autocritica, ou a sua retirada. Todos os problemas das fábricas são discutidos pelos operários.

Nos próximos números, uma série de artigos de Arnaldo Alves sobre a Albânia: as fábricas; o tempo; a vida do povo; a rebaixa dos preços; o Partido do Trabalho; a defesa da pátria socialista; a torcida na Copa.